O MALHO
ANNO XXXIV
NUMERO 114
8 -- Agosto -- 1935
Preço 1$200

Fonseca, Almeida & C. Ltda.
IMPORTADORES EXPORTADORES
FERRO + AÇO + METAES + FERRAGENS
TINTAS + VERNIZES + LUBRIFICANTES
OLEOS + TUBOS + GAXETAS + CORREIAS
CABOS + MAÇAMES + ACIDOS PARA
INDUSTRIAS + ETC.
Material para Estradas de Ferro,
Officinas e Construcção Naval.
ESCRIPTORIO : TELEPHONE - REDE PARTICULAR 3-1760
CAIXA DO CORREIO : 422 + END. TELEGR. "CALDERON"
ARMAZEM E ESCRIPTORIO
112 RUA PRIMEIRO DE MARÇO 112
Dep.: RUA SANTO CHRISTO, 54/56
RIO DE JANEIRO

CAMOMILINA
O GRANDE REMEDIO DA
DENTIÇÃO INFANTIL

O MALHO

Propriedade da S. A. O MALHO

Director: Antonio A. de Souza e Silva

Assignaturas: { Annual . . . . . . 60$000 / Semestral. . . . . . 30$000

Redacção e administração

TRAVESSA DO OUVIDOR, 34

Teleph.: { 23 4422 / 22-8073 CAIXA POSTAL 880

RIO DE JANEIRO

O PROXIMO NUMERO D'O MALHO

ENTRE OUTROS ASSUMPTOS DA PROXIMA EDIÇÃO DESTACAMOS:

SECÇÕES DO COSTUME

Album de arte

Tire com cuidado o grampo que prende a trichromia á revista. Não a arranque, para não prejudicar ambas.

Abaixo apparece, nesta pagina, o 10° *coupon* do grande "Concurso Album de Arte", que corresponde á trichromia *Ouro Preto* — de Edgard Parreiras, laureado pintor patricio. Como já foi dito, esse *coupon* deverá occupar o respectivo logar no mappa do concurso, para que, mais tarde, na occasião opportuna, dentro do prazo que fixaremos breve, possa o collecionador se habilitar ao sorteio dos 100 premios, apresentando o mappa com os 25 *coupons* devidamente collados.

Estamos ainda no inicio deste maravilhoso concurso e qualquer leitor poderá iniciar ainda sua collecção de *coupons*.

As nossas edições que trouxeram o 1.° e 2.° *coupons* foram completamente esgotadas, mas temos esses *coupons* e as trichromias respectivas para offerecer *gratuitamente* a quem nol-os solicite á Travessa do Ouvidor, 34, ou a qualquer dos nossos agentes revendedores no Rio e nos Estados.

* * *

A's nossas leitoras chamamos mais uma vez a attenção para certos premios que constam do grande certamen iniciado pelo O MALHO. São aquelles que mais de perto interessam á ornamentação de um lar e ao seu conforto. São estes :

Distincto, moderno e elegante dormitorio, todo de imbuya folheada — um conjuncto moderno e de estylo; **é creação da "Mobiliaria Primor", de Adolpho Jaimovitch, á Rua do Cattete, 25 onde foi adquirido e se acha em exposição.**

Armario para enxoval de homem ou senhora (Estylo Marajó) comporta 280 peças e tem 10 dispositivos uteis. O maximo de accommodações no menor espaço.

E' uma linda peça e de real utilidade. Este premio foi adquirido na Casa Palermo, Avenida Rio Branco, 111, onde pode ser visto.

Um confortavel grupo para sala, todo de imbuya, coberto de *reps* finissimo, com assentos e encostos *Soufflé*.

Este premio foi adquirido na casa "Ao Bem Estar", Rua do Cattete, 77-79, onde está exposto.

"Album de arte"
d'O MALHO
Carta Patente n°. 108

Coupon n. 10

Nem todos sabem que...

CAHORS e o Quercy commemoraram recentemente o 6° centenario da morte de Jacques d'Euze, que foi bispo e papa, em Avinhão (França), aos 72 annos, sob o nome de João XXII. Reinou dezoito annos, morrendo, em 1334, nonagenario. Notabilizou-se como jurisprudente, medico e theologo. Fundou 15 bispados e 1 universidade. Intervinha nos dissidios e litigios entre principes, excommungava os precitos, era bom para os pobres e infelizes, levantou tropas para combater as hordas que devastavam os campos e massacravam os camponios. Quando lhe suscitaram um anti-papa, mandou prender o intruso, que era um principe, ordenando que o tratassem "como amigo". A João XXII deve-se a edificação, em Avinhão, do palacio dos Papas. O "maire" de Cahors, que promoveu a commemoração, disse, num discurso, que aquelle "quercinense, no throno pontifical, esquecia as torturas e sacrificios, compondo poemas em lingua occitaniana".

—o—

A communa de Saint-André de Cubzac, perto de Bordéus, possue um plátano, alto de 16 metros e com um diametro de 8 metros na base, que foi plantado ha 400 annos. Pode-se vel-o na estrada chamada de "Robillard".

Quizeram abatel-o, mas a população e as autoridades locaes não consentiram no vandalismo. O presidente da Sociedade Archeologica da Gironda protestou, mandando um official de justiça lavrar um "constat". Tanto devotamento por uma arvore havia de ser premiado. E assim foi. Um telegramma do ministro das Bellas Artes foi transmittido á Municipalidade de Sto. André de Cubzac, pedindo que tomasse as providencias necessarias no intuito de evitar o feio crime.

—o—

POR occasião do 37° anniversario da descoberta do radium, foi inaugurada, em New York, uma avenida com o nome de "Marie Curie". A nova arteria, outr'ora chamada "Exterior Street", está situada no alto da cidade e constitue um importante centro medico. A Sra. do Presidente dos Estados Unidos endereçou um telegramma ao Sr. La Guardia, prefeito de New York, exprimindo os seus agradecimentos pela idéa de perpetuar, numa rua, um nome tão digno de veneração.

—o—

ACABAM de ser lançados em Paris relogios para chauffeurs. Trazem, na tampa posterior, a imagem de São Christovam, gravada a agua-forte. E' em metal chromado inalteravel. Marca os segundos. Funcciona bem.

A espiral é anti-magnetica. Garantido por 5 annos. Vendem-se desde o preço de 25 francos.

—o—

A primeira tentativa para automoveis remonta ao anno 1769 e se deve a Nicolas Cugnod, natural de Void, departamento do Mosa (França). Em 1873, um compatricio delle, Bollée, aproveitou a idéa de Cugnod e, no Mans, poz em serviço um novo typo de automovel a vapor para o trafego publico. Na Exposição Universal de Paris, Bollée apresentou "La Mancelle", automovel para estradas, capaz de percorrer 35 kil. a hora. A seguir, em 1879, o mesmo engenheiro lançou no mercado typos de omnibus com 40 logares. A Bollée succederam o conde de Dion e os mechanicos Bouton e Trépardoux, que obtiveram brévets para novos typos de automovel.

—o—

O numero de automoveis na Italia, em 1933, se elevava a 464.88 vehiculos assim subdivididos: 263.643 auto-carros, 9.171 auto-bus, 86.145 auto-caminhões com 16.074 reboques, 103.932 motocyclos, 12.666 tractores agricolas, 1.035 tractores de estradas, 133 machinas diversas, 50.000 autos ligeiros. Em 1921, giravam pelas ruas de Roma 6.513 autos. Em 1932, este numero passou a 31.340, attingindo, em 1933, a mais de 40.000. Em 1926, calculava-se em 26.000.000 o numero de automoveis existentes no mundo. Em França circulavam 855.000; na Inglaterra, 1.474.573; nos Estados Unidos, 20.000.000; na Allemanha, 539.850; no Canadá, ... 724.594; na Italia, 184.700; na Russia, 85.000; no Brasil, 64.950.

O TREM DE FERRO

RODRIGUES PINTO

Um nada, ha pouco, um cáus, a força resguardada
Na inteligencia humana, a que já estava presa;
E tendo de imperar não prenunciava nada,
Vivia, assim, o poder no sólio da fraqueza

Mas eis que, de repente, á luz do engenho acêsa,
De ferro, parte a parte, idéa coagulada
Enrija e se entumece e, em gesto de fereza,
A terra sulca e fere em furiosa arrancada.

E o inerte ha pouco, então, se exalça em vida ativa,
Transforma-se em soberbo o outróra temerario
Que, acenando ao povir, do imbéle faz-se egrésso.

E, vendo que o passado em marcha se lhe esquiva,
Ruge e rugindo rasga o rico relicario,
Em que se mostra rindo a imagem do progresso.

REVISTAS DE PROPRIEDADE E EDIÇÃO DA SOCIEDADE ANONYMA O MALHO

Preços das assignaturas

As assignaturas começam e terminam em qualquer mez

NOME DAS REVISTA	Brasil e todos os demais paizes que adheriram á Convenção Pan Americana. Rep. Sul Americanas, E. U. A., Hespanha, etc.				Portugal e demais paizes fóra da Convenção	
	PORTE SIMPLES		SOB REGISTRO		SOB REGISTRO	
	12 mezes	6 mezes	12 mezes	6 mezes	1 mezes	6 mezes
"O Malho"	60$000	30$000	85$000	43$000	110$000	56$000
"Cinearte"....................	48$000	25$000	60$000	30$000	70$000	36$000
"O Tico-Tico"	25$000	13$000	50$000	26$000	75$000	38$000
"Moda e Bordado"..........	—	—	35$000	18$000	50$000	26$000
"Illustração Brasileira".........	—	—	35$000	18$000	50$000	26$000
"Arte de Bordar"............	—	—	30$000	16$000	40$000	22$000

NOTA — O Malho e O Tico-Tico são semanarios. Cinearte é quinzenario. Moda e Bordado, Arte de Bordar e Illustração Brasileira são mensarios.

Broadcasting

A dansa das sombras

O radio brasileiro, apesar de ainda estar no seu periodo embryonario, já precisa de uma urgente reforma nos seus quadros de cantores.

Os elementos antigos, que conseguiram renome e que ainda se conservam dignos desse renome, são bem poucos e terão, fatalmente, dentro do determinismo da vida humana, de soffrer as consequencias do seleccionamento da especie, desapparecendo.

Que fará o radio, então, quando lhe faltarem os medalhões, os consagrados, os cabeças do programma?

Irradiarão os seus discos ou invocarão os seus espiritos?

Importarão artistas estrangeiros?

Está claro que nenhum destes é o remedio indicado.

O que se tem a fazer é estimular o apparecimento de valores novos, capazes de substituir os actuaes levando-se a serio a tarefa de identifical-os.

Os novos que apparecem, frequentemente, pelos microphonees da cidade, são levados por interesses suspeitos, que os guindam a alturas de notabilidades, com o protesto pacifico dos ouvintes alheios ás manobras de bastidores.

Até hoje, tambem, os poucos que foram surgindo com probabilidades de exito, contribuiram poderosamente para que ninguem fizesse mais fé nas revelações que elles promettiam.

Todos, quasi sem excepção, encaminharam-se pelos atalhos da imitação, em vez de procurar uma physionomia propria, que os prestigiasse e os indicasse á admiração dos que o observam.

Felizmente, porém, alguns já estão comprehendendo o erro em que incidiram.

Já se vê quem faça questão de *não cantar igualzinho a Fulano*, quem procure um repertorio de accordo com os seus modos de ser, quem comece a distinguir o porque da desvalorização dos seus esforços.

Aos moços que cantam está entregue sem duvida alguma, a tarefa de fazer com que o nosso radio não encontre a sua decandencia artistica justamente quando elle alcança o seu maior progresso material.

Cabe-lhes acabar com o papel de sombras, que elles sempre têm representado, gyrando, como satellites, em torno dos nomes feitos do broadcasting carioca.

As emissoras que annunciam para breve o seu inicio de actividades, devem, em beneficio proprio, estimular todos os que desejem emancipar-se de influencias extranhas, ao mesmo tempo que entregando a technicos e competentes o problema do encontro e do lançamento de cantores novos.

Os seus repertorios, principalmente, logo após a verificação das suas possibilidades interpretativas, devem merecer um cuidado especial.

E assim, evitando que meninas bonitas e mocinhos se approximem dos microphones, somente consentindo na apresentação daquelles de quem se possa esperar alguma cousa, o radio brasileiro poderá proseguir no mesmo rythmo do até agora.

O remedio é este.

Resta que elle seja empregado com energia, para que o doente recupere o animo em vias de abandonal-o...

—x—

NEIVA GOMES ESCREVE...

Recebemos de Neiva Gomes, essa interessante figurinha do nosso "broadcasting", a seguinte carta, que nos apressamos em publicar:

Illmos. Redactores do O MALHO — Saudações — Deparando nas columnas dessa brilhante revista n. 108 de 27 de Junho com a nota seguinte: "Dallila de Almeida e Neiva Gomes, transformaram a Radio Cruzeiro do Sul em rink de box".

Cumpre-me o dever de dirigir-me aos respeitaveis redactores do O MALHO solicitando-lhes a publicação desta missiva, afim de scientificar o publico da verdade.

Deixei a Radio Cruzeiro do Sul, sem deixar naquella emissora um inimigo siquer. Quanto ás brigas e atracamentos de artistas, é proprio para gente de baixa esphera, no entretanto Dallila de Almeida, achou interessantissimo propalar essa inverdade. só quem não conhece o meu temperamento e a minha educação poderá acreditar tal absurdo. Se eu apellar para o criterio dos dignos funccionarios da Radio Cruzeiro do Sul nem um

Walter Brasil

Paulo Frontin Werneck

Sylvio Pinto

Joel e Gaudio

Orlando Silva

delles poderá confirmar que eu tivesse brigado com Dallila de Almeida, e nem siquer tivesse trocado qualquer palavra com ella, pois isso nunca se deu. Devo aos distinctos funccionarios da Radio Cruzeiro do Sul a grande consideração que sempre me dispensaram, o que procurei sempre retribuir.

Contando com o acolhimento desta na querida revista O MALHO, aproveito esta para subscrever-me, com a mais alta estima e consideração. De V. S. agradece — *Neiva Gomes.*

NOVIDADES LAMARTINESCAS...

Ha dias, em um encontro com a figura immaterial de Lamartine Babo (está mais magro um pouco), perguntamos-lhe se sabia de alguma novidade.

E elle immediatamente, com uma prodigalidade que nos causou extranheza, forneceu-nos uma porção de noticias frescas.

Abaixo transmittimos, pelo preço do custo, os "furos" de reportagem do Lamartine:

— Francisco Alves assignou contracto para gravar discos na "Columbia";

— Carmen Miranda, dentro em breve, deixará "Mayrinck Veiga" passando para... a "Educadora";

— A "Radio Cajuti" foi ouvida com bastante nitidez, no Largo da Carioca;

— O director do "Departamento de Propaganda e Diffusão Cultural", Sr. Lourival Fontes, vae prohibir aos "speakers" da "Hora do Brasil" de dizerem o nome delle;

— Mister Evans, chefe da gravação da "Victor", vae passar para a "Odeon";

— Vicente Vitale e Vicente Margione, os dois principaes editores desta capital fizeram as pazes definitivamente;

— Cesar Ladeira deu uns cascudos, ha dias, no Sr. Joaquim Antunes, director da "Mayrinck", para ver se este o despedia;

— Custodio Mesquita vae substituir o maestro Marinuzzi na direcção da orchestra do "Theatro Municipal", na proxima temporada lyrica;

— A revista "Syntonia" vae atacar o "Radio Club do Brasil".

RADIOLETES

— A "P. R. F. - 8", "Radio Commercial da Bahia", tem irradiado uma "Hora Infantil do TICO-TICO, que a garotada da "boa terra" ouve com o maior interesse. Essa hora é organizada pelo jornalista Carmino Dongo e tem tido collaborações preciosas como a de Alcides Soares e outros.

VOZES DA BAHIA

Outra voz bonita da Bahia, Antonio Maltez, exclusivo da P R F 8, Radio Commercial, a Voz da Bahia. Interprete excellente de canções. Um dos astros do ambiente radiophonico bahiano. E' tambem compositor. Faz sambas e canções. E enche de uma nota suave, com a melodia de sua voz, os magnificos programmas de "A voz da Bahia".

— Foi uma festa encantadora a que a "Associação Athletica Moinho Inglez" realizou, ha dias, no salão da "A. dos Empregados no Commercio" e na qual tomaram parte elementos do nosso radio.

OS BONS ELEMENTOS DE SANTOS

Verissimo de Oliveira, flautista e director do conjuncto regional da Radio Atlantica de Santos, é um nome immensamente apreciado na broadcasting paulista, onde vem se destacando dia a dia.

Verissimo tambem é compositor tendo gravado algumas de suas excellentes creações, inclusive a valsa "Ondina". Suas duas ultimas composições: "Piedade" e "Nunca serás minha", valsas-canção.

—x—

A VOZ DO OUVINTE

Rio de Janeiro, 27 de Julho de 1935 — Illmo Sr. Oswaldo Santiago — Saudações — Bemdigo a creação da secção "A voz do ouvinte", agora que perdi a esperança de que o Sr. Napoleão Tavares siga outra directriz na escolha dos seus fox-trots. Será possivel que elle não encontre nesta immensa quantidade de musicas novas, outras que não sejam tão rudes, cacetes, grosseiras, emfim desagradaveis? O povo brasileiro, aprecia as musicas regionaes de todos os paizes, mas cança de ouvil-as quando são mal escolhidas, e isto se está dando com os programmas da Mayrink Veiga, que de fox-trots, só apresenta as *batuques dos negros americanos do norte*. Sim, porque naquellas musicas, predomina o tam-tam e a espereza de sons, sahidos por uma forma inexplicavel dos instrumentos da orchestra do Sr. Napoleão Tavares. A principio, suppuz que fosse eu o unico a reparar nesta anomalia, e passei a sytonizar o meu apparelho para outra estação, mas agora tenho ouvido opiniões de muitas pessoas, que têm sentido a mesma repulsa por aquellas musicas. Quando não consegue arranjar destas musicas *especiaes*, o Sr. Napoleão Tavares, nos impinge programmas inteiros de velharias. Peçamos a Deus, que illumine o director musical da Mayrink Veiga, para que não nos vejamos na contingencia de classifical-a de inutil. Antecipadamente grato pela publicação destas linhas — *Roberto Santos*.

—x—

RADIO-CORREIO

Gentil Puget — Pará — Sua chronica está aguardando espaço, cousa que cada vez falta mais nesta secção. Dentro em breve, porém, ella sahirá.

Lui — Rio — Mande os "versinhos" de que falou, para ver se posso falar mal, tambem, de uma "lingua de trapo". Quanto ao mais, muito obrigado por tudo, juntamente com o Muraro, que leu sua carta.

Oswaldo Rocha — Rio — Envie as musicas ou o que quizer, para ajuizar do seu merito. Si gostar, não me importarei que o Sr. seja desconhecido ou não. Farei o que pede, com muito prazer. Não gostando, dir-lhe-ei tambem com o mesmo prazer...

O. S.

P. R. D. - 8

Aspecto do acto inaugural da estação de Icarahy, em Nictheroy, vendo-se os directores da novel transmissora fluminense ladeados por autoridades e pessoas gradas.

AS MESTRAS DA EUGENIA — Mme. Norma Sutherland, professora de gymnastica e dansas classicas que regressou do velho mundo onde esteve em estudos de sua especialidade.

TEMPORADA LYRICA

Jorge Livért, applaudido bailarino do corpo de bailados do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, que tomará parte na temporada lyrica deste anno.

Manoel Carvalho, um dos nossos mais activos e intelligentes photographos, que fez annos a 31 de Julho.

VOZES DA MONTANHA

Um romance que revive o passado da velha cidade mineira de S. João d'El-Rey.

Sertorio de Castro, autor de tres livros politicos de grande exito — "A Republica que a Revolução destruiu", "Politica, és mulher!" e "Diario de um combatente desarmado" — concluiu agora um romance que a Ariel Editora Ltd. vae dentro em breve lançar á publicidade.

Esse romance, que se intitula "Vozes da montanha", tem qualquer coisa de original e de moderno que ainda não foi tentado numa obra de ficção.

Sahindo da technica commum usada nesse genero literario, Sertorio de Castro compoz uma trama romantica dentro de um scenario rigorosamente real.

E nesse scenario é que está, talvez, a maior parte do encanto do livro, pois a acção se desenvolve numa cidade que foi um dos centros sociaes mais interessantes do Brasil na época que o romance revive.

E' S. João d'El-Rey com o seu passado de mineração, campo da guerra dos emboabas e séde imaginada pelos inconfidentes para o governo que o sonho da mallograda conjura deveria realizar; a velha cidade das serranias abruptas, dos templos talhados na pedra pelo genio do Aleijadinho; com seu passado rico de lendas e tradições impregnadas do sentimento religioso, recordando as vozes de seus sinos e as pompas de suas festas — notadamente da Semana Santa — reedificando uma éra em que ali existiam contemporaneamente alguns solares de familias da mais brilhante genealogia mineira de onde sahiram para o desempenho de altos postos na administração e na politica, como nas sciencias e nas letras, alguns dos homens mais illustres do Brasil.

Recorda, ao mesmo tempo, o Rio antigo que se transformou na metropole moderna de hoje, e pinta, com côres vivas e frescas, o quadro da velha Minas impregnada de poesia, na singeleza de seus costumes primitivos.

Com "Vozes da montanha" pretende Sertorio de Castro concorrer ao concurso de romance da Academia Brasileira de Letras.

MAXAMBOMBAS E MARACATÚS

O nosso antigo collaborador Mario Sette promette-nos para breve "Maxambombas e maracatús", retrospecto interessante do velho Recife de trinta annos atraz com os seus flagrantes pittorescos de festas populares que tornaram a velha cidade nortista tão caracteristica e tão ingenua.

Mario Sette que é incontestavelmente um dos escriptores mais lidos do Brasil, alcançará mais um successo de livraria com esse livro que será illustrado por Percy Lau e Nestor Silva.

Alfredo Serrano, distincto e conceituado cavalheiro da sociedade de Rosario de Santa Fé, na Argentina, director proprietario da "The American Co., grande empresa de publicidade daquelle Estado, actualmente em visita a esta capital.

A Representação Classista no Conselho

Por motivo de sua escolha para delegado-eleitor da Associação Brasileira de Imprensa, o nosso companheiro de redacção Oswaldo de Souza e Silva tem recebido innumeras manifestações de sympathia e apreço. Entre estas, distinguimos o telegramma

Berilo Neves, leader do Comité de Imprensa do Touring Club.

de felicitações que lhe enviaram os seus collegas do Comité de Imprensa do Touring Club, nos seguintes termos affectuosissimos:

"Dr. Oswaldo de Souza e Silva — Redacção de O MALHO — Rio — O Comité de Imprensa do Touring Club do Brasil felicita, vivamente, o illustre companheiro e brilhante confrade, pela sua escolha para delegado-eleitor da Associação B. de Imprensa na representação classista ao Conselho Municipal, fazendo sinceros votos para que nossa classe, a exemplo do que acaba de acontecer em São Paulo, tenha seu delegado no corpo legislativo da cidade, homologando, ao mesmo tempo, a feliz escolha realizada por aquella entidade.

(aa.) *Berilo Neves — Mattoso Maia Fortes — Octavio Tavares — Jayme de Barros — Waldemar Bandeira — Figueiredo Pimentel — Martins Alonso — Benedicto Lopes — Helio Vianna — Lycurgo Costa — Victorino de Oliveira — Marcio Reis — Leão Padilha — Henry Kauffmann — Gastão do Rego Monteiro — Argemiro Zimmermann — Ernesto Ribeiro e Martins Castello.*

REVERENDO JORGE ASSAS — Aspecto da chegada á gare da Central do Brasil do rev. padre Jorge Assas, vendo-se, além do illustre viajante, os componentes da commissão de recepção, Dr. Semi Coury, Srs. Chaik Naffah, Elias Lufan e Jorge Dadi e senhoras da colonia syrio-libaneza.

Desperta, «Néquinho»!...

João Francisco Assumpção de Carvalho, na intimidade "Nequinho" filho do escriptor e jornalista Albertus de Carvalho e de D. Jesuina Peixoto de Carvalho. João Francisco faz 4 annos no dia 11 do corrente.

Desperta, **Néquinho,** escuta ao longe os repiques sonoros dos magestosos sinos que, em doces e melodiosos accordes, rompem a amplidão do ethereo espaço, indo seus alegres e festivos sons repercutir de encontro ás verdejantes fraldas das lindas e saluberrimas cordilheiras que se estendem, quaes lenções bordados, pelo além, mui distante além!...

* * *

Acorda, **Néquinho,** escuta os passaros que madrugam e voam, em alígeros e harmoniosos bandos, soltando suaves e doces trinados: estão saudando a alvorada de teu natalicio!... Não ouves?... São balladas sinceras as que entôam ao Deus Creador, em preces sublimes que mortal algum jamais as comprehendeu!

* * *

Desperta, **Néquinho,** acorda e escuta o manso sussurro dos doces beijinhos de teus papás!... Elles que te querem tanto, tanto... não poderiam agora te deixar dormindo o somno de innocente candura, proprio de tuas quatro floridas primaveras, porque anciosos desejam oscular-te a fronte angelical...

* * *

Oxalá, **Néquinho,** os celestiaes sonhos que te embalam agora, n'alma de creança, pura e santa, prosigam pelos horizontes do porvir em fóra e jamais se tolde o azulado céo de tuas esperanças, com as plumbeas nuvens das desillusões!...

A. Fonseca Lima

CLAUDETTE COLBERT

OS PROXIMOS FILMS DA PARAMOUNT:

BING CROSBY

"MUNDOS INTIMOS"
(Private Worlds)

Os dramas secretos de todos os corações humanos

com CLAUDETTE COLBERT
CHARLES BOYER
JOAN BENNETT

"MISSISSIPPI"
(Mississippi)

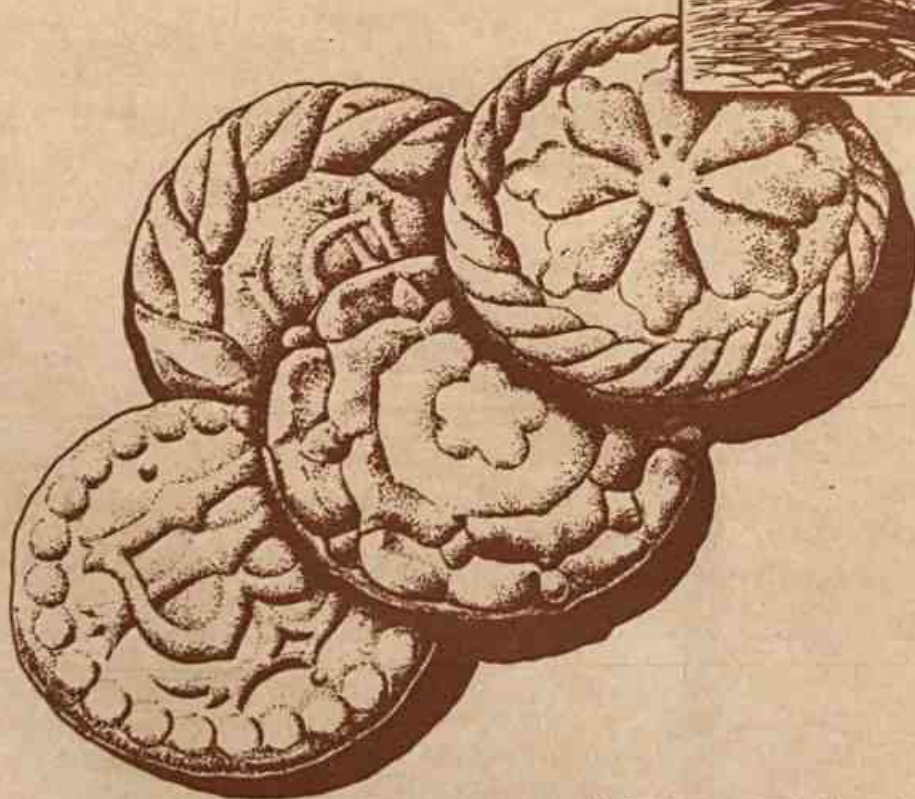
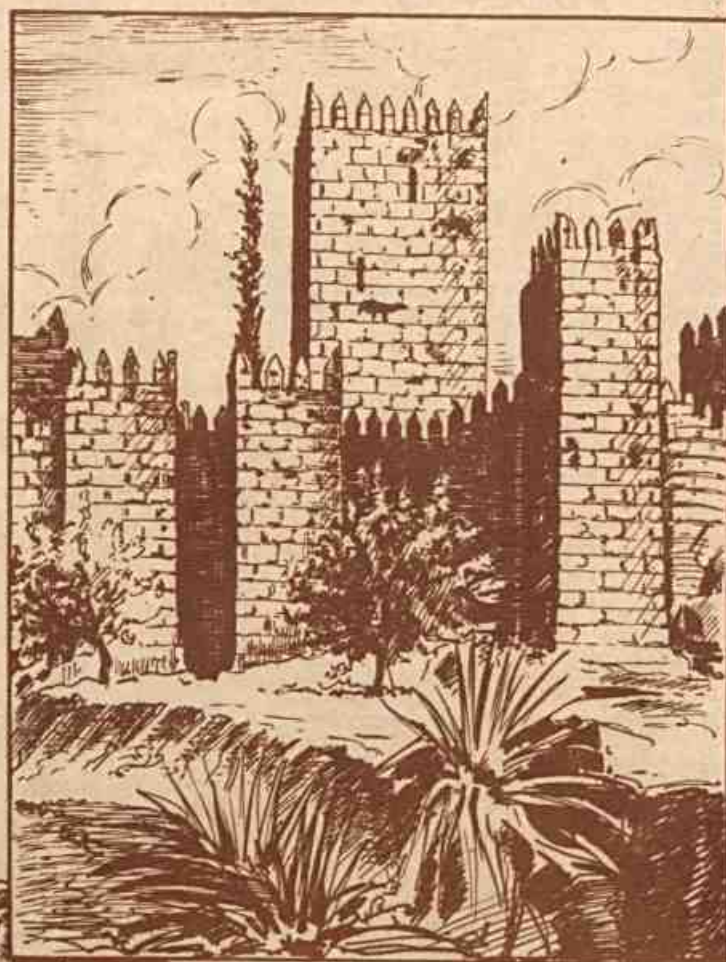
Um romance de amor que revelou um homem a si proprio.

com BING CROSBY
W. C. FIELDS
JOAN BENNETT

MARLENE DIETRICH

"MULHER SATANICA"
(The Devil Is a Woman)

O romance de uma mulher linda, mas sem coração

com MARLENE DIETRICH
LIONEL ATWILL
CEZAR ROMERO

O Violão

Os outros musicos que mettam a viola no sacco. O violão é o instrumento da moda. O violão é um violino que cahiu na farra. Um violino sentimental, que tem horror ao lar e acaba fichado na Policia, ao lado dos D. Juans de Madureira e dos ladrões de gallinhas, de São Christovam. Nascido de boa familia, despiu a casaca, atirou fóra o chapéo alto, amarrou um lenço ao pescoço — e eil-o ahi, ás esquinas, choramingando queixumes atravez das cinco cordas vibrateis do seu coração de madeira... O seculo XX eliminou a harpa, que os deuses gostavam de ouvir á hora da sésta, tangida pelos dedos nervosos das Virgens...

A cythara só apparece nos theatros, depois do segundo acto, em scenas retrospectivas e soporiferas... O violão vae melhor com o espirito democratico da época. Está para o socialismo de Karl Marx como a Guilhotina, para a Revolução Franceza... E' amigo intimo da cachaça e da faca de ponta. Andam juntos, de braço dado, alta noite, e juntos conquistam as mulheres... O violão é uma ponte admiravel entre um homem que geme e uma mulher que suspira... Cantar é um modo seguro de espantar os males e de attrahir as damas. Estas deixam-se levar mais depressa por uma embolada do que por um acto de heroismo. Preferem o Francisco Alves ao Rei Arthur... Se voltassemos ao Paraiso, a Serpente viria armada de violão, cantando um tango argentino ou uma canção do meu amigo Oswaldo Santiago... Já ninguem se lembra da "Norma", mas todos sabem, de cór, o "Confession", ou o "Foi ella"... A Humanidade simplificou-se. A musica popular é de facil digestão. A "Gioconda" é uma obra prima, mas exige quatro horas de attenção, numa poltrona do Municipal, abafando discretamente os bocejos e a vontade de se metter no pyjama... Ouvir um violão é mais simples: 5 minutos de choradeira, uma ingrata que não quer voltar, soluços, e por fim:

— P. R. K. 200... Ouviram "O tatú subiu no pau", de João Timbaúba. A seguir: "Dôr de recordar", de Joubert de Carvalho. Pasta "Africana" torna os dentes mais alvos do que uma parede recem-caiada. Quer morar de graça?

Deixe de pagar o aluguel e mude-se á noite... Está finda a nossa transmissão de hoje. Durmam bem...

Berilo Neves

UNCA mais lhe esqueci o nome. Gustavo de Araujo. Nunca mais o esqueci por culpa delle.

Em geral, de todos aquelles que passaram commigo pelos bancos escollares, tenho vaga recordação da physionomia; do nome e sobrenome nem vaga idéa. Gustavo de Araujo foi differente.

Interrompendo o curso, deixei-o na escola superior. Foi mais persistente. Continuou. Acabou "seu" doutor... O annel fazia parte do seu dedo. Tinha nascido para aquillo. Sem o annel seria um defeituoso. Possuido o titulo facilmente arranjou o argolão e tambem uma bengala, pasta e um bruto colarinho de ponta virada. Duma gravidade de espantar. Quasi doentia. Ficou importantissimo.

Um dia sem mais novidades, appareceu dirigindo uma revista. Disse o titulo de que não me lembro, mas acrescentou que era o orgão do progresso dum municipio cujo nome tambem não me acode; terminou pedindo minha collaboração. Tambem me avisou que era uma empresa modesta: não podia pagar; que eu como seu amigo o auxiliasse.

Naquelle tempo o meu fraco era a pintura. Sonhava amplamente com o desenho das grandes revistas americanas. Acabei caricaturista de encommenda para annuncios de revistas municipaes... E produzi alguns desenhos para o tal orgão de que não me lembro o nome, por camaradagem e com agradecimentos amaveis mesmo sem quebra da linha doutoral, grave e importante.

Depois, não sei por que, nos separamos. Separação de dois annos. Certa vez, vi-o no borborinho da rua central. O mesmo impertigado: bengala, colarinho, pasta e annel escandaloso. Fiquei contente, e, como o ia perdendo de vista, chamei afflicto:

— Psiu! Psiu! Psiu!

Nada, nem me ouvia. Pensei que estivesse surdo. Corri para abraçal-o.

— Como vae?

E o doutor Gustavo, como se tivesse rosnando uma blasfemia:

— Olha, "psiu! psiu" é cachorro. Eu tenho nome!

Pensei até que ia ser aggredido. Na verdade eu era culpado de na minha ingenuidade fazer um homem com annel de doutor passar por alguem que atendesse a um psiu! democratizavel; seria uma inferioridade.

DOUTOR

SEBASTIÃO FERNANDES

ILLUSTRAÇÃO DE FRAGUSTO

Fiquei envergonhado. Aquella gravidade dava-me em tom cathedratico uma lição de civilidade. Não sabia que o annel modificava tanto! Mas a conversa fez-nos familiares como outr'ora. Via que a **metamorphose** não era só no annel... Conversou em voz mais grossa. Attitudes estudadas. General commandando tropas victoriosas. Profundamente marcial. Evoluções da tal revista de que não melembro o nome, misturadas com politica local, grande clientela, e tudo isso o havia indicado para deputado estadual!

Ecco!

Deputado estadual!...

Impressão presumpçosa de já se considerar vencedor. Sonhos maiores que o throno dum dictador.

Ha coisas incriveis. Realidade que ficamos olhando perdidamente, pensando, procurando reunir duas idéas como apalpando mentalmente o facto e vendo si não é ficção. Então lembrei-me: "não sou cachorro, tenho nome"!

Raciocinei: ficará peior do que um cão!

E fingindo-se amavel: que eu continuasse a mandar os meus desenhos; si não tinha visto a "evolução crescente da revista". Mas que desculpasse: tinha pressa. Reunião em casa dum mandão. Casos da politica nacional.

Mais uma vez fiquei olhando o traço novo do chapéu, a pasta, a bengala arrogante, o colarinho alto e lustroso e o escandaloso annel.

Tempos depois não recebi mais a revista. O titulo do deputado não veiu.

Afora, torno-o a ver. Mais magro, o colarinho bitola larga dansando num pescoço magro; a bengala parece mais gorda do que elle; a roupa tingida dum preto-duvidoso e não vejo no dedo afilado o annel luminoso. A minha fraca memoria obrigou-me a chamal-o como antigamente:

— Psiu! Psiu!

Voltou-se rapido, com uma humildade de quem desceu. Sorriso servil:

— Olá! Como vae!

— Bem e você?

Qual, não vou bem; perdi a revista, não tenho clientes, e mesmo a saúde anda abalada. E contou um rosario de ingratidões politicas.

Depois, sahiu tristemente. Parecia cansado duma luta perdida.

Não sei por que me lembrei do cachorro do deputado...

UM MILAGRE DE "EXU"

SYLVIO DA FONSECA

Cortada a ignição do "Packard", o motor deixou de estralejar explosão. Os oito cylindros esqueceram-se na inercia.

Adeante do radiador, a ladeira se offerecia, tortuosa, á vista dos visitantes.

Luxuoso, o auto era uma nota antagonica á paizagem do morro.

Salgueiro. Morro de sambas, de crimes e de lendas.

A caravana abandonou o conforto das almofadas macias para encetar a subida ingreme.

Raros eram os grupos de gente modesta que pontuavam o caminho.

Eu era o guia daquella expedição turistica.

Duas jornalistas francezas repletas de "spleen" e cansadas do asphalto dos "boulevards" parisienses, em "tournée" pela America do Sul, queriam ver os costumes barbaros das populações atrazadas.

Queriam assistir a uma macumba.

A noite de sexta-feira era propicia á satisfação dos seus desejos. E rumámos para o Salgueiro.

Eu era o "cicerone" daquella gente.

* *

Na vida trepidante de reporter de policia, conhecera aquelle homem, de formas gigantescas, voz bonita de barytono e coração maior que sua compleição herculea.

Sempre satisfeito, ninguem melhor que elle compunha e tirava sambas nas "rodas".

Duas filas de dentes brancos mostravam-se sempre na sua face. Dahi a alcunha pela qual era conhecido:

Antenor "Gargalhada".

Era o dono do morro. Outro não havia que impuzesse tanto respeito quanto elle. "Gargalhada" era valente e leal como ninguem.

* *

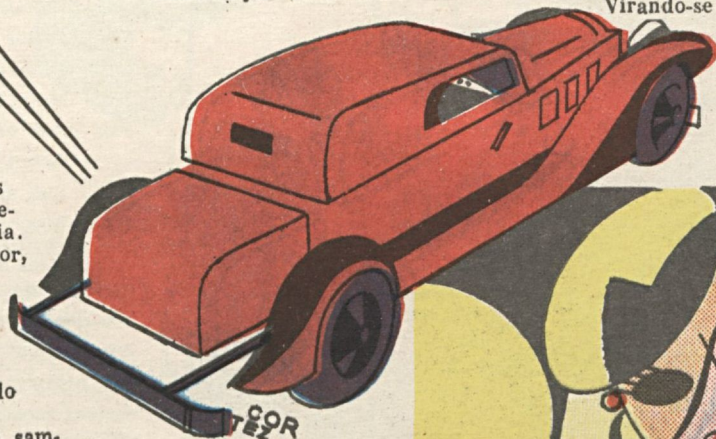
Procurara, antes, "Boruca", outro "az" do Salgueiro, a quem incumbira da tarefa de levar a mim e aos companheiros a uma macumba. Não me lembrára, porém, que aquelle era o dia em que "Boruca" recebia os salarios na fabrica onde trabalhava. Com dinheiro no bolso, não se podia contar com elle. De facto, naquelle dia, ao sahir da fabrica, "Boruca" embriagara-se completamente. Quando subi a ladeira, precedendo o grupo, deparei com "Boruca", debruçado sobre uma mesa, roncando sob a acção do alcool ingerido.

Chamei-o.

Saccudi-o.

Tudo em vão.

* *

Subir, sózinho, até o recondito onde se desenrolava a macumba, acompanhado das duas jornalistas francezas, era uma temeridade. Precisava de um "introductor diplomatico". e o meu ali estava, completamente bebado, incapaz de differençar duas cores.

Dispunha-me a sahir e dar qualquer desculpa ás convidadas quando á porta da "birosca" assomou o vulto gigantesco de Antenor.

Dois braços que se abriram num abraço grande.

— "O sr. por aqui? Deve haver "trapalhada" no morro — foram as palavras de "Gargalhada".

Expliquei-lhe a situação. Precisava levar duas moças a uma macumba. "Boruca" tomára o compromisso de levar-nos mas ali estava, inconsciente, sem poder dar um passo.

O rei do samba pensou um pouco. Depois retrucou, resoluto:

— "Olhe: da ultima vez que fui á *funcção* do Cezario, briguei com elle. Tinha feito o proposito de não botar mais meus pés lá. Mas o caso, agora, é differente. Não posso deixar nem o sr. nem o compadre "Boruca" numa situação esquerda".

Indagou:

—"Onde está a moçada?"

— "Na subida da rua Bom Pastor".

"Pois bem. "Tempere" o pessoal pela collina emquanto eu vou dar a volta, passar por casa e mudar a roupa. Eu os espero na "birosca". Agora vamos "metter" duas longarinas".

E batendo no balcão, reclamou duas cachaças especiaes, pois era para "gente de fóra".

Ainda cuspindo, endireitou por um atalho escuro, emquanto eu ia buscar as duas jornalistas e os outros componentes da caravana.

* *

"Gargalhada" nunca faltou a um compromisso. Naquella noite não fugiu á norma.

Ao chegarmos á venda do individuo conhecido pelo vulgo de "Ré-Maior", lá estava elle, calçado de tennis, calça e camisa brancas — traje com o qual sahi dirigindo sua escola de samba, o azul-e-branco. Acompanhavam-no duas creolinhas.

"Gargalhada" explicou:

— "Essas meninas vão ajudar as moças na subida. As senhoras desculpem se ellas não forem delicadas como deviam. Gente da roça é assim... Por mais que se ensine, nunca tomam geito!

Virando-se para as meninas, recommendou severo:

— "Cuidado com as moças, meninas! Olhem lá! "Proceder", muito "proceder"!

Sem outros incidentes além de pequenos escorregões, a subida continuou até a casa do Cezario, o "pae-de-santo" a cuja macumba iamos assistir.

A lua, uma lua grande, batia de chapa na pedreira que parecia uma immensa folha de Flandres scintillante.

Lá em baixo, a pontuação dos combustores.

Cá em cima, o cochicho dos moradores dos barracões por onde passavamos, os quaes nunca tinham visto por ali tamanha elegancia.

* *

Ia em meio a *funcção*. Logo após a um "nagôa", dansando exhaustivamente, Cezario recebera "Ogun" — S. Jorge. Em transe permaneceu por mais de uma hora.

Mal o espirito do "Santo Cavalleiro" deixára o pae-de-santo descansado, eis que, physionomia descomposta, elle pede cachaça em tom imperativo, ao "cambono" — o servo do "pae" — o qual se apressou em servir-lhe a bebida, emquanto que elle continuava a reclamal-a em altos brados:

— "Cambono! Marafa! Marafa, cambono!"

Cezario encarnára, nada mais nada menos, que "Exú", o deus das trevas. Estava com o diabo no corpo. Suas palavras tinham, então, uma maldade velada, e um "rictus" zombeteiro mostrava-lhe os dentes que rangiam sem cessar.

Já habituado a taes espectaculos, eu socegava uma das francezas que se encontravam a meu lado:

— "Pas de péril".

De sepente, senti uma pancada no braço. Era a redactora do "Paris soir" que pedia:

— "Allons-nous en"!

Chamei o *cambono* a quem fiz ver a situação: as moças achavam que se fazia tarde e queriam retirar-se. O recado foi transmittido a Cezario que continuava com o espirito do diabo e que sentenciou: Se nós fossemos embora, os pneus do automovel iam estourar.

Quasi não reparei num movimento brusco de "Gargalhada" que foi se postar á unica porta da sala onde se realizava a macumba, ao mesmo tempo que dominava o batido dos *tambaques* com a sua voz stentorica:

— Ninguem me sahe daqui a não ser o "seu" reporter e a "moçada" que veio com elle! Traga o pessoal, "seu" reporter! Vamos embora!

* *

Depois de termos feito as esmolas de praxe, deixámos o rancho de Cezario. A' sahida percebi que "Gargalhada" guardava qualquer cousa no bolso da calça. Não liguei importancia.

Por ter sido o nosso "cicerone", "Gargalhada" ganhou 50$000.

* *

Passaram-se uns dias.

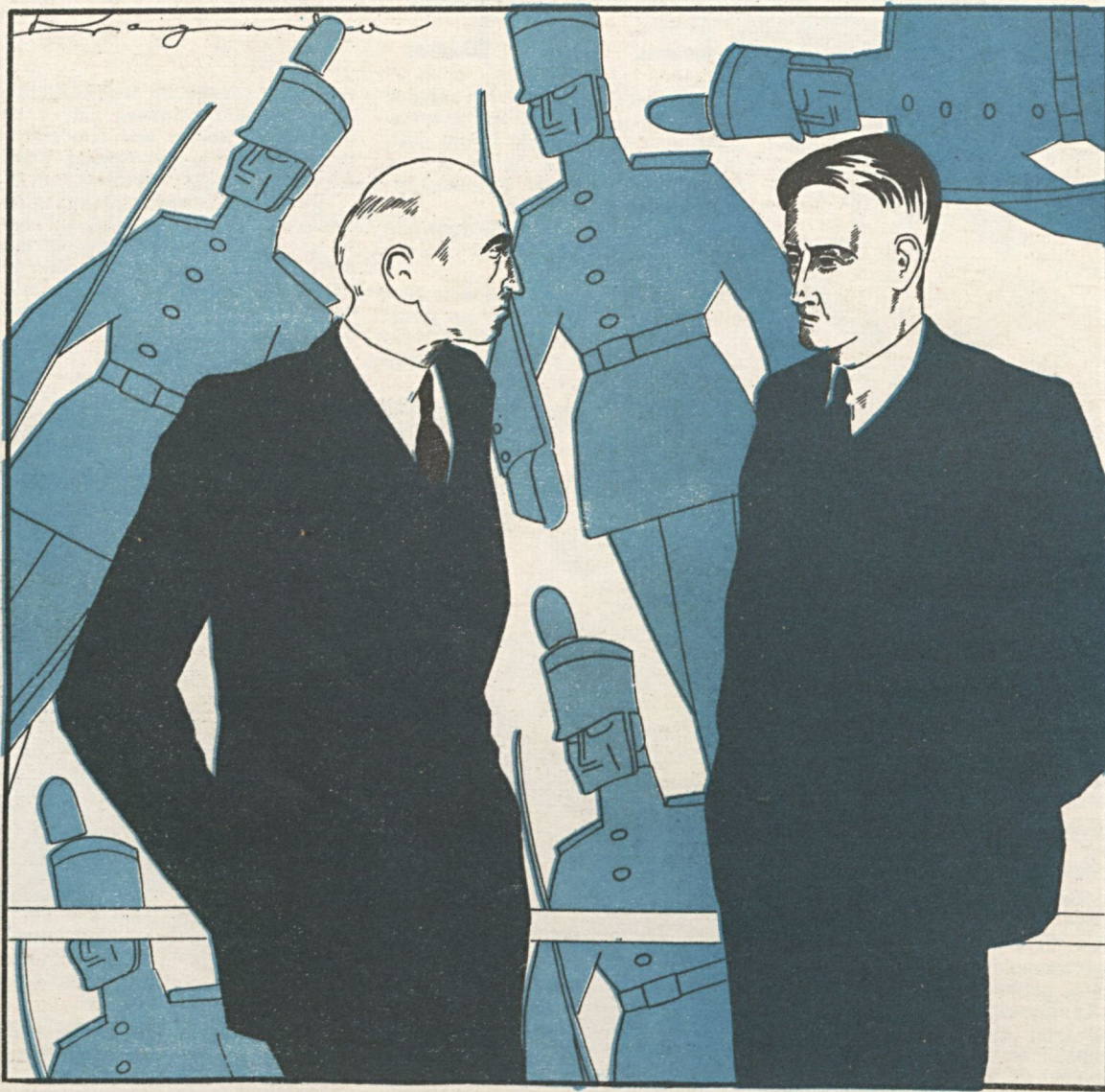
Um crime barbaro levou-me ao Salgueiro, onde procurei "Gargalhada". Elle dormia na resaca das cachaças que tomára na vespera.

Outro morador de lá, o "Miquimba", chamou-me para um canto e contou-me, na gyria quasi inintelligivel do morro:

— "O "Gargalhada" é muito seu amigo. Imagine que naquelle dia da macumba, quando o Cezario prophetizou que o auto ia rebentar os pneus era porque tinha medo que os srs. fossem embora antes delle ter "corrido" pelos presentes a bandeja das esmolas. Elle já tinha um crioulo contractado para fazer o milagre. No momento em que Cezario proferiu a sentença, o crioulo ia sahir, de faca em punho, para rasgar os pneumaticos do automovel que os srs. tinham deixado lá em baixo! O sr. não percebeu isso. Mas o "Gargalhada" que sabe como se fazem os "milagres" aqui por cima, postou-se na porta, com a navalha aberta e impediu que sahisse quem quer que fosse de dentro da sala.

* *

Mais tarde, falei com Antenor Gargalhada que não ligava grande importancia ao succedido. Apenas uma coisa o deixara inconsolavel: era o facto de termos dado mais de 5$000 de esmola ao pae-de-santo.

OS HOMENS E OS BONECOS

AS perspectiva de uma nova guerra absorviam completamente o espirito do Conselheiro Ximenes, que durante a conflagração européa occupára um importante posto diplomatico numa das capitaes do Velho Mundo. Na sua imaginação, ainda viva e brilhante, perpassavam factos e figuras da guerra que elle descrevia com as côres mais fortes dando á physionomia expressões que reflectiam os horrores daquella hora sinistra.

No dia em que o visitei pela ultima vez fui encontral-o mergulhado na leitura dos telegrammas referentes á conferencia de Stressa, que serviu de thema para a palestra. Esgotado, porém, o assumpto, o Conselheiro Ximenes entrou a recontar scenas da vida européa, ao tempo da conflagração, episodios e tragedias lancinantes a que assistira nos campos de batalha. E todas estas narrativas, feitas com aquelles largos gestos de que tiraava o maximo effeito pathetico, confrangiam-nos a alma, revoltando-nos contra os responsaveis por tamanhas calamidades.

— Ah! meu caro, disse-me elle, quantas barbaridades se praticaram naquella epoca a pretexto de que "a guerra é a guerra" e "os tratados farrapos de papel"!

— Recordo-me perfeitamente, Snr. Conselheiro: navio mercantes torpedeados... cidades abertas bombardeadas...

— E' verdade, é isso mesmo. Na Liga das Nacões, onde representei o meu paiz, tive occasião de protestar contra essa violencia das leis de guerra, cujo fim é resguardar as populações inermes em nome dos principios de humanidade que todos devem respeitar. Os protestsos, porém, eram todos vãos. Se a guerra, já de si, é deshumana — diziam os adversarios — para que regular as maneiras de matar, se tudo é matar?

— A phrase é boa, mas a logica é má, ponderei eu. Está errada.

— Erradissima!. reforçou o Conselheiro.

Da varanda, onde estavamos a conversar, viam-se no jardim dois netos do Conselheiro que brincavam com pelotões de soldados e que, accocorados no chão, os collocavam em ordem de marcha, seguidos de **tanks** e peças de artilharia. Eram objectos que pertenciam a uma linda collecção de brinquedos adquiridos na Suissa.

— Estás vendo, disse-me o Conselheiro, como os meus rapazes gostam de brincar com aquelles bonecos; que tão tristes recordações me trazem?

— Meu amigo, as creanças são assim. O seu olhar só abrange o mundo que ellas conhecem...

— Pobres creanças! Vendo-se alli, a maneiar aquelles soldados de pau, até me arrependo de os ter comprado!

— Por que, Snr. Conselheiro?

— Porque esta especie de brinquedos só se fabrica com o fim de despertar entre a infancia o desejo de andar de farda e de espingarda ao hombro como os soldados. E' um pernicioso meio de suggestão que devia ser prohibido.

— Na verdade... Não tinha pensado nisso.

— Quem, como eu, tiver assistido a uma grande batalha, continuou o Conselheiro, ha de dar-me razão. Basta presenciar a maneira como os slodados de um e de outro lado confraternisam depois de acabar a refrega para verificar que ali não ha adversarios, mas amigos, creaturas que se sentem attrahidas pela igualdade de condição e irmanadas pelo destino que fez dellas o mesmo pdaço de carne destinado a matar a fome da terrivel e insaciavel féra que é a guerra.

— Muito bem, Snr. Conselheiro. Fala como um verdadeiro e sincero amigo da paz...

— Sim, porque nunca fui outra cousa. Mas, como ia dizendo, não ha inimigos no campo de batalha, ha homens transformados numa materia inconsciente que se amalgama á vontade dos potentados para satisfação dos seus instinctos ou dos seus interesses.

— Exactamente.

— Até agora, prosegue o Conselheiro, tem-se proclamado como lei o direito da força. Da força bruta, deve-se accrescentar, porque actualmente essa força transforma-se, torna-se intelligente, e muito breve não se poderá contar com ella.

Neste momento um dos netos do Conselheiro poz-se a gritar, dizendo entre lagrimas:

— Vôvô, olhe para aqui. Veja como o Luiz escangalhou os soldados. Todos quebrados!

O Conselheiro lançou os olhos para os bonecos que antes vira enfileirados, mas em lugar delles só havia montes de braços, pernas, troncos e cabeças desarticuladas.

Entretanto, o Luiz bradava triumphante:

— Ganhei! Com os meus **tanks** desbaratei as tropas inimigas! Victoria! Victoria!

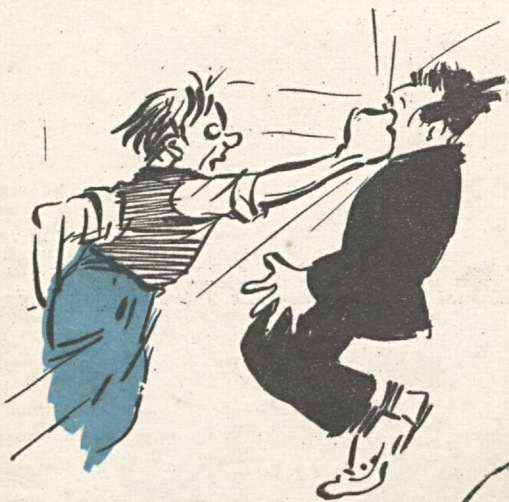
Contemplando aquella scena, o Conselheiro Ximenes limitou-se a menear a cabeça, dizendo-me:

— Ora ahi tens o que é a guerra. Que differença ha entre este pequeno despota e os grandes? Nenhuma. O que differe apenas são os bonecos porque uns são de pau, como os que se vendem nas lojas, e outros não. No mais são todos iguaes. Quer nas mãos dos grandes tyranos, quer nas dos pequenos, os seus direitos equivalem-se, confundem-se. Entendeste?

— Perfetamente. Donde se conclue que a condição do homem não é superior á daquelles bonecos que o Luiz destruiu...

— Nem mais nem menos, rematou o Conselheiro, satisfeito por ver que tinha sido comprehendido.

BRITO MENDES

OS REBELDES

Não se trata de revoltas a mão armada nem assumpto politico, embora a rebeldia seja uma reacção especial de quem não quer sujeitar-se ao pagamento dos impostos.

Como o mundo sempre se dividiu em duas partes, a que come e a que é comida, isto é, uma metade vive a custa da outra, ha quem pertencendo á classe dos "comidos" não goste (e com razão) de se pôr ao alcance dos dentes do outro.

Reage, defende-se e quando bem succedido póde até passar a classe dos "comedores". Esta reacção começa pela revolta intima, vindo a seguir a revolta aberta, a rebeldia, reacção essa, aliás muito natural por quanto o instincto de conservação é uma força.

Não ha quem não tenha sido rebelde, pelo menos uma vez na vida. Os marmanjos nascem estrilando. Porque? Rebellaram-se contra as disposições da natureza que os mandou para este mundo sem vergonha.

O sentimento de revolta em muita gente é tal que chega a desconsiderar o proprio instincto de conservação e acaba com um tiro no miôlo, lisol, formicida, barca da Cantareira, a greve da fome e outros synonimos de suicidio. As causas são as de diversas naturezas, abusos, imposições, dominios, improperios, e ás vezes sem motivo nenhum, a não ser um estado de alma especial que nos leva a mandar p'ro diabo que as carreguem as pessoas mais queridas.

Individuos levam a vida inteira de crista baixa, submissos, aceitando imposição, obedecendo, sem resmungar, pacatos cordeiros. Supportam insultos, aviltam-se, sem a menor reacção, deixam-se espoliar sem uma palavra de protesto, supportam os maiores martirios. De repente, trepam no alto d'uma vaga e explodem numa rebeldia que deixa tudo desconcertado.

Levantou a crista.

Vão lá entender a natureza humana. A patifaria de um lado querendo pisar na covardia e de repente recúa ante a rebeldia de quem parecia ter nascido para viver em baixo d'uma carga e do aguilhão. Nem todos os rebeldes revoltam-se por um mesmo motivo. Estes são muitos: o abuso de autoridade, as imposições, as obrigações sociaes, á hierarquia, os deveres de familia, o trabalho que só admitte patrão e empregado, um a mandar e outro a obedecer, a diaba da lei, ciume, o raio da sogra, a má educação, toda a longa serie de deveres impostos pela civilisação.

O homem sempre se revoltou contra á natureza, que se vinga maltratando-o e impondo-lhe o dever de tratar-se. Dahi outra rebellião.

Como a paciencia é uma borracha que quando se estica de mais acaba arrebentando, sempre chega o momento do homem mais paciente deste mundo escangalhar os planos de quem delle esteve abusando.

Empregados levam annos a moer-se num emprego, sob improperios, estorções, difficuldades de todo genero, sem resmungar. De repente, um motivo insignificante foi o estopim que levou a centelha ao paiol, e — catrapuz!... O empregadinho cordeiro virou leão e foi as fuças do patrão e arrumou-lhe capital e juros de uma vez.

Maridos ha que supportam, com estoicismo heroico, annos seguidos as scenas de ciume da "carissima" metade, as cargas pesadas da sogra impertinente, sem mugir nem tugir. Encolhem as orelhas, fecham os olhos, se tivessem cauda imitariam os cachorros, pedem desculpas em voz baixa, submissa. De repente soltam o estrilo:

— Suma-se daqui, peste, e pegam numa tranca e avançam no pessoal uma surra que valeu por todas as que as metades e mães de metades teriam apanhado da mão de outros que não se deixam torcer o pello no nariz.

Já tivemos occasião de conhecer um pacifico carioca que só conhecia o Pão de Assucar de vista, e de "Corcovado" elle proprio se fazia ante os improperios de uma "peste" autentica, a exma. metade que o diabo lhe poz ás costas.

Acossado pelos insultos, as scenas mais aviltantes, o Anastacio, modesto funccionario dos Correios, não piava. Deixava-a falar. Nem respondia as perguntas, aos peiores adoestos da mulher, cuja lingua viperina não descansava. Annos se passavam e o Anastacio continuava como se fosse de pedra, insensivel a tudo. Os visinhos chamavam-no de maricas, de covarde, de tolo e dahi p'ra baixo, mas o Anastacio, quando muito, limitava-se a encolher os hombros.

A mulher cada vez mais viperina chegou a cortar-lhe os viveres, embora elle os pagasse, destripou o colchão, obrigando-o a dormir no chão, arrancou-lhe os botões mais importantes e tantas patifarias e desaforos lhe fez, que Job daria o cavaco em tres tempos. Mas Anastacio, moita, imperterrito. Um dia, porém, chegou que encontrou o Anastacio de bom humor.

Chegou áquella mesma hora e logo deparou com o focinho da "cobra ruim", reforçada pela sogra, um **doublé** de mulher.

— Pensas que encontra jantar aqui, seu idiota?

— Não vim para isso — respondeu Anastacio com a calma de um bacalhau de môlho — Hoje jantei com uma pequena daqui.

— Va sahindo, idiota. Tu nem dás para isso.

— Vou sahindo e quanto a andar, é agora que vou começar.

— Atreves-te a levantar o topete, heim? Hoje não ficas calado.

— Ora ficar calado! Com um bom vinho no buxo, um jantar de primeira ninguem póde ficar calado. Aqui nunca comi bem, só apanhei indigestões.

— E bofetões.

— Mas não sei a quem doeu mais, a cara ou as mãos.

— Descarado!

— Póde ser.

O Anastacio foi sahindo, mas logo a mulher o interpellou:

— Onde vaes?

— Tomar um café pequeno al na esquina. Já volto.

Sahiu e nunca mais voltou.

Revoltou-se com calma contra as tyranas, mulher e sogra, abandonou o emprego e foi longe, muito longe onde a voz dellas não pudesse chegar nem pelo radio.

Assim talvez agiria quem, como o Anastacio, ganhasse 50 contos na Loteria.

Ha certa especie de individuos que manifestam sua rebeldia com grande estardalhaço, mas não passam de bombas de S. João. Dali a pouco, voltam mais mansos que gallinha morta.

Entre os rebeldes, depois das creanças e das mulheres ciumentas, temos que incluir os espiritos de contradição, que mesmo quando concordam dizem: não.

Um illustre desconhecido aqui chegado, a primeira coisa que descobriu foi a observação de que todos os brasileiros eram espiritos de contradicção, pois que, mesmo quando concordam, em logar de dizer: **sim** dizem: pois, não. E vice-versa dizem: pois, sim.

Ha quem, revoltando-se contra algum abuso, grite, esperneie, insulte, mas quasi sempre diz o que nada tem com o caso. Ha os que se rebellam contra si proprios, em revolta reflexa e como uma pessoa não póde dar ponta-pés em si mesma procuram quebrar algum objecto fragil, ou tomam lysol, mettem-se numa carraspana.

Si tudo o que um rebellado diz, na occasião da raiva do proximo fosse realizado, o mundo ha muito não mais existiria.

O espirito de rebellião é tão commum e generalizado que até os intestinos fazem das suas, e, podem acreditar, até esta maldita caneta tinteiro recusa-se a escrever.

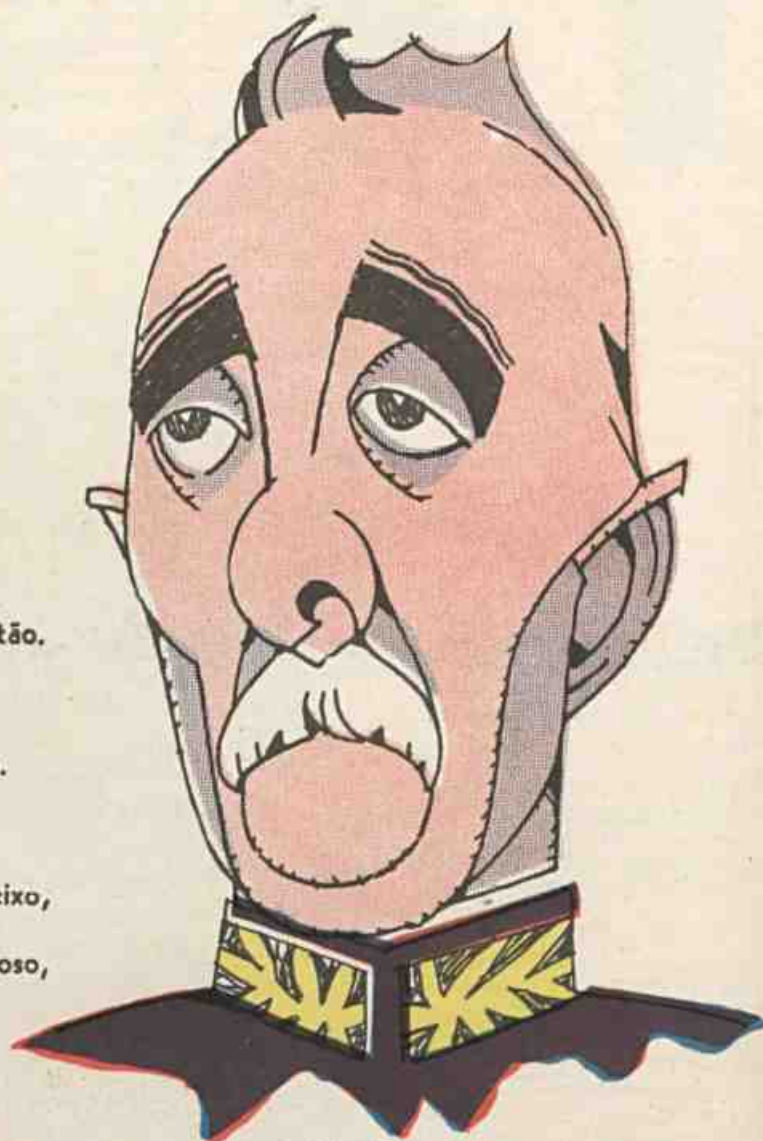
YANTOK

GUIGNOL

G. G.

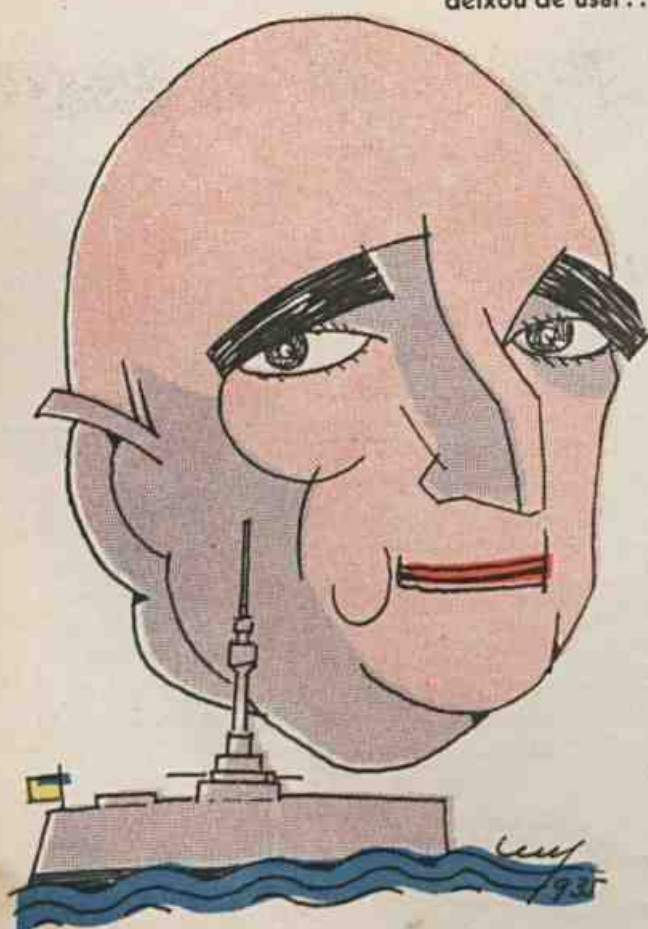
Disseram quatro coisas do Gastão.

De sua actuação
lá na Assistencia,
falaram, murmuraram, sem razão.
Pura meledicencia!

Então, todo sentido e pesaroso
por ter levado a pecha de desleixo,
superior a toda accusação
e não querendo se mostrar queixoso,
deixou de usar... o queixo.

S. P.

Quasi que todo o dia
um jornal notícia
que o Sezefredo Passos embarcou.

Aqui, a gente espera
e desespêra
e até agora elle inda não chegou.

Mas seus amigos estão sempre attentos,
que o Passos vem, embora a... passos lentos.

VERSOS DE
GALVÃO DE QUEIROZ

P. G.

Entre a pasta e cadeira,
(to be or not to be?-Que amolação!).
elle hesitou uma semana inteira
soffrendo as ancias da irresolução.

Pensou, pensou... Por fim,
tomou uns ares de Pedro I
e disse: - Fico! Já não vou mais, não!
E para os seus botões:-Sou velho marinheiro...
Não perco o rumo assim,
mesmo que seja forte a cerração...

PORTRAITS - CHARGES
DE LUIZ PEIXOTO

A Gloria da Virgem

HOJE, a Christandade está em festas. Não sómente a Christandade, mas tambem a Humana Especie. E' que occorre um anniversario a mais da sublimação da Virgem ao throno excelso de Rainha dos homens e dos anjos. Commemora-se, nas famosas basilicas e cathedraes do Orbe catholico, como nas brancas ermidas, que orlam os sertões e as verdes serras, a Assumpção da Virgem. E' a pria estirpe humana á gloria alçada, no dizer sonoro e elegante de Dante, nos seus tercetos divinos.

Acontecimento impar nos annaes da Historia, a sublimação de Maria tem constituido, na literatura e na arte, na expressão graphica e oral como na tela e no marmore, um eterno e inexgotavel motivo emocional.

Todos os genios e todos os santos, como á porfia, hão assignalado, em obras primas, em testemunhos perpetuos, o magno evento, a grandeza e a magestade do facto maravilhoso.

.. ..

Rezam tradições antiquissimas que a Mãe de Jesus sobreviveu ao Filho, cerca de vinte e dois annos, neste valle de pranto. O Mestre ascendera ao seu Eterno Pae e deixara a Virgem como animadora dos primeiros christãos. E é assim que, naquelles primeiros dias atribulados da Éra Nova. Ella foi como a visão de paz e de bondade, que surgiu como aurora auspiciosa. Onde havia uma lagrima a enxugar — e eram muitas — onde um pranto a conter, onde uma dor a consolar, Ella apparecia como o Anjo providencial, como um balsamo vivo. Era, dessarte, a grande misericordia ambulante. Até ao Calvario desempenhara, com excesso de carinho e extremos de heroismo, a missão de Mãe do Christo. Agora lhe restava cumprir, com a mesma ternura e com o mesmo desprendimento a funcção, tambem nobilissima, de mãe da humanidade. E, cerca de dois decennios e pouco, ficou exercendo, no seu recanto, o formoso mister. E ninguem desempenhou melhor o encargo.

Tinha, porém, que pagar, como todo mortal, o tributo á natureza. Morreu um bello dia, em Jerusalém, a cidade sacrilega, que lhe sacrificara o Filho e que, em troca, recebera de suas mãos tanto beneficio, tantas bençãos propiciatorias!

Sepultaram-na em um jardim, entre lyrios e rosas. Bem o merecia! Aquillo era um formoso symbolo! Maria é a rainha das flores, a princeza dos jardins. A natureza toda é uma viva offerenda de todas as suas graças e perfumes Aquella, que é a mais perfeita das creações divinas.

No dia immediato ao seu enterro, abriram-lhe o tumulo. Sómente lyrios, rosas, apenas! A Virgem subira aos Céos! Operara-se o milagre da Assumpção!

.. ..

Era a 15 de Agosto. E a data ficou. E a ephemeride se perpetuará. Não morre a tradição de factos como este! Elles têm o cunho do Eterno e não o sello das cousas humanas.

Ficam sempre nos annaes, no registo das chronicas vivazes que são constituidas pela memoria grata dos corações.

A Assumpção da Senhora é, tambem a recompensa altissima Áquella, que é, em toda a humanidade, a maior das mães, a mais assignalada de todas as bondades, — de todas as ternuras.

ASSIS MEMORIA

NAQUELLA noite de quinta-feira, após a ultima edição do *Herald*, em que toda a população de Londres ficára abysmada ante o estrondo da nossa reportagem, o Prof. Waston e eu conversávamos tranquillos em sua residencia.

Elle com aquelles oculos de aros quadrados, cabellos ruivos, bigode ruivo e olhos azues, ficava a olhar-me brincando com os dados de ouro da minha corrente de relogio. Admirava a minha pachorra de ficar mastigando grãos de café toda uma noite, calado, jogando os diabos dos dadinhos de ouro.

Outras vezes era eu que ficava olhando, seguindo-lhe os menores gestos dos labios, das sombrancelhas pelludas, ou os movimentos do seu longo cachimbo de osso.

A reputação que esse homem conseguira nas capitaes européas pelas suas investigações de incrivel audacia e pelo acerto de suas previsões, era a garantia das populações dessas cidades que podiam dormir quietas, porque esse homem, da sua poltrona lhes velava o somno.

Era nessas horas que o Prof. Waston, — Chefe do Serviço Secreto da Policia Internacional, — aproveitava para dar-me as suas aulas e gastar commigo a noite no seu gabinete privado de pesquisas.

Baixei ainda mais a canção russa que o radio nos transmittia e pedi-lhe que me contasse a historia de Hirchman, o director de um circo allemão, encontrado morto em seu camarim, cinco annos atrás.

Nesse caso, o Prof. Waston mostrára toda a importancia dos minimos detalhes, a que não podem fugir os mais perfeitos criminosos.

Este circo despertára grande interesse em toda a cidade, não só pelos maravilhosos trabalhos dos trapezistas loucos, como tambem pela grande quantidade de animaes amestrados. No elenco de artistas destacava-se um hindú, chamado Raschi, que deslumbrava por sua força de suggestão e pelos trabalhos apresentados por seus escorpiões e aranhas luminosas.

Por isso, quando Hirchman foi encontrado morto no seu proprio leito, naquella manhã, todos se consternaram. Os jornaes ávidos de noticias alarmantes começaram a inculcar no espirito popular que tal morte não fôra natural. Algo de estranho se passára no camarim do derector.

Foi quando o Prof. Waston começou a investigar.

— A primeira cousa que fiz foi, examinar minuciosamente o cadaver, nada encontrando que me chamasse a attenção. Feita a autopsia e o exame toxicologico das visceras nada puderam constatar, a não ser velhas lesões para o lado do coração e dos rins de que o homem era portador. Isto veio ainda mais confirmar o que diziam os empregados do circo, isto é, que a morte fôra naturalissima. Mas, uma pequena desconfiança andava a fazer-me cocegas. E os mais afoitos já queriam apontar Raschi como o unico capaz de produzir a morte de alguem sem deixar vestigios. Falavam na contenda havida entre ambos na vespera, poucos minutos antes de Hirchman entrar em scena com os seus elephantes reaes. Diziam mesmo que o hindú se recolhera cedo, apprehensivo, e não fizera o seu numero com os escorpiões e aranhas luminosas com aquella perfeição de sempre. Então, todos os pequenos gestos do homem foram interpretados como o indicio de grande nervosismo. E as gazetas do dia batiam nesta tecla, nas suas diversas edições. Era este o ambiente quando entrei em acção com firmeza e tranquei-me sózinho no camarim de Hirchman.

O cheiro forte de jasmins e a desordem das roupas occuparam a minha attenção por alguns minutos. Sim, Hirchman tivera tempo de trocar de roupa, de pôr-se de pyjama, — pois assim vestido fôra encontrado, — estivera lendo, fumára dois terços do seu cigarro predilecto, e... Antes de proseguir na reproducção dos seus ultimos cuidados, vi o numero da pagina, o livro com a dedicatoria amorosa de uma tal Frida, com data de um anno atraz e comprado numa livraria em Berlim. Tomei o cigarro e as cinzas e guardei-as na minha caixinha de phosphoros e puz o livro debaixo do braço. Remexi algumas gavetas, emquanto me passavam pela mente algumas duvidas. Qual a causa que teria levado alguem a assassinar esse homem? Haveria crime, de facto? Por dinheiro ou por joias não o teriam morto, pois quem tivesse tal intento, primeiro se certificaria se era possivel encontrar taes objectos aqui, o que não se verifica. Pensava e remexia as gavetas. Nada, a não ser uns retratos e cartas. Guardei-as commigo. Depois voltei ao leito. Suas chinellas encontravam-se bem juntinhas sob a cama. As cobertas não estavam muito amassadas; só no logar em que estivera o corpo notava-se a depressão commum. Isto despertou-me mais a attenção. Olhei a lampada apagada. Sim, Hirchman apagára a luz. E procurei o commutador. Mas, larguei-o porque duas pancadas fortes e uma voz grossa chamou-me. Era o sargento Bill, muito vermelho e suado, acompanhado de Meüler, o vice-director do circo.

— Mestre, descobrimos um detalhe importante. Já prendi Raschi, está no Corpo de Segurança, mestre. Encontrei com o auxilio desse Meüler, no fundo da gaiola das aranhas luminosas, uma dellas mortas. Tudo em segredo, mestre. Trabalhei, sem nada deixar transparecer á reportagem. Que tal!

— Optimo, optimo, mas não o deixem falar por emquanto.

Fechei novamente a porta e parecia-me ver ainda o risinho de enthusiasmo do vice-directir do circo. Aquella physionomia do allemão reproduzia a de muitos outros que eu encontrara na mesma situação. Voltei ao commutador com o meu cachimbo fumegando. Achava-me estupido naquelle quarto, sem nada desvendar. Mas, sentia, palavra, sentia que algo de extraordinario se passara ali. Alguma cousa cá dentro me falava assim. Foi quando meu coração se acelerou e, — nesses instantes não sei que força me impelle, não sei;—examinei detidamente o commutador. Uma pontinha fina como agulha raspou-me a pôlpa do pollegar. Tirei a lente do bolso do collete e nada consegui ver. Sentei-me na beira do leito e comecei a desmontagem. Fôra um crime. Tinham de facto assassinado o velho Hirchman...

O Prof Waston parou e poz-se a olhar-me, jogando os grãos de café queimado para o ar e aparal-os com o beiço. Não perdia um. Sorriu-me. O commutador metallico eu o examinára na vespera. Era um apparelho engenhoso. Aquella ponta muito afinada, ôca, communicava-se com uma bolsa de cancho, deposito onde era posta a substancia liquida que se quizesse. Essa extremidade afinada vinha ter justamente no botão onde o dedo devia fazer pressão para apagar a luz. Nesse instante o estilete penetrava a carne injectando automaticamente todo o conteúdo venenoso da bolsa.

— Sim, continuou o Prof. Waston, — o homem tinha de facto sido assassinado. Naquelle momento um turbilhão de idéas encheram-me o cerebro. Seria mesmo Raschi o assassino? Que veneno seria esse que os methodos chimicos não tinham conseguido evidenciar? seria o das aranhas luminosas? Ou dos celebres escorpiões asiaticos?

Parou de novo o Prof. Waston. Continava a soltar baforadas e a fitar-me, emquanto o seu grande leão de bronze, impassivel, sustentava o mostrador onde os pon-

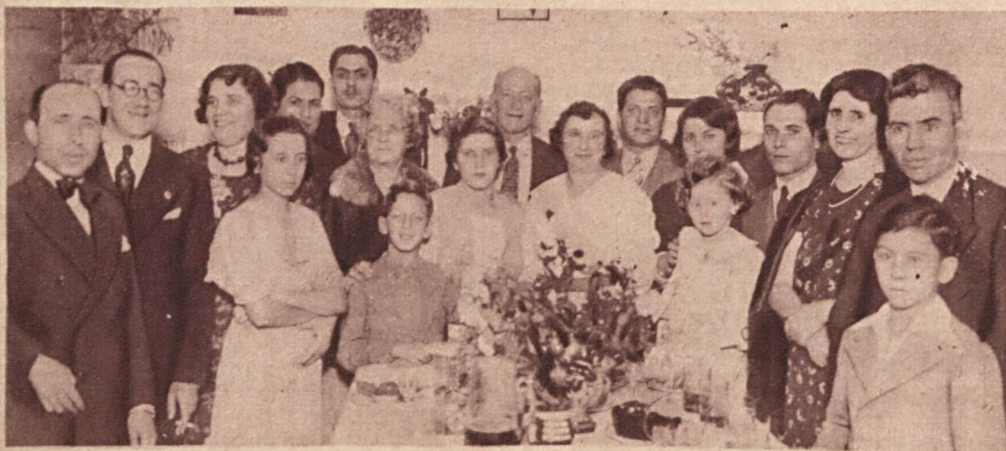
teiros passeavam para além das duas horas. A estação de radio parára, havia pouco. Só o mestre falava.

— Esse crime, Harly, — assim me chamava na intimidade, — ficou impune. Não porque não conseguisse provas sifficientes, mas porque o criminoso poupou-nos o trabalho, suicidando-se. Quando me approximei da gaiola dos escorpiões a certeza de que tinha sido arrombada ficou patente. Demais, a aranha luminosa fôra morta por esmagamento da cabeça. Não podia, portanto, ser Raschi o autor de tal façanha. De facto, o liquido posto no deposito do commutador fôra extrahido della, mas por mãos inhabeis. Outro aproveitára-se do hindú para matar o director. Os planos são em geral bem architectados, mas sempre têm uma falha, como este teve. Deixou um vestigio minimo e é delles que vivem os detectives. Restava, então, encontrar o criminoso. Encontrei-o facilmente na noite daquelle mesmo dia. O numero dos elephantes, o contentamento de Meuler em dirigil-os, aquella sua cara, a elegancia e alegria com que substituiu o outro, fizeram-me desconfiar. Mas, não escondeu o assombro quando por minha ordem Raschi entrou no circo minutos antes para o seu estupendo trabalho das aranhas. Mudou, caro Harly, ria amarello, vendo os cochichos do publico que enchia as galerias. Não tive duvidas, sahi ás escuras do meu reservado e penetrei em seu camarim. Como previra o hindú era innocente e a prova estava na seringa que encontrei nas prégas do colchão do vice-director e um canivete denteado, com restos de seda do fio do commutador. O homem não socegou mais e olhava-me com tal temor que tive pena. Já não sabia esconder a sua preoccupação. Dava ordens indeciso, sem aquelle enthusiasmo inicial. Queixou-se de dor de cabeça e febre...

O Prof. Waston levantou-se, foi até a janella, falou-me que os seus jasmins já estavam perfumando tudo.

— Pois é Harly; o sargento Bill não teve cuidado. Mal deu-lhe voz de prisão, o homem saccou da pistola e varou a propria cabeça... O mais interessante foi uma carta encontrada em seu camarin e dirigida a uma tal Frida, dansarina em Berlim. Dizia-lhe cousas exquisitas de amor e falava-lhe que um dia seria elle, elle o rajah esplendido que dirigiria os elephantes, os bellissimos elephantes brancos do Grande-circo-Berlim... E seria ella, então, sua gloriosa companheira... Por fim foi muito facil verificar no pollegar do cadaver de Hirchman a marca da picada fatal. Um pontinho roxo lá estava a desafiar a nossa argucia... São os detalhes minimos, de que sempre lhe falo, Harly...

UM ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO E DE HOMENAGEM A' IMPRENSA — Durante o almoço mensal de confraternização promovido pelo Syndicato dos Lojistas do Rio de Janeiro, e em que foi prestada homenagem especial á imprensa nas pessoas do Presidente e do vice-presidente da A. B. I. Srs. Herbert Moses e Oswaldo de Souza e Silva.

UNIÃO DOS EMPREGADOS DO COMMERCIO — Aspecto apanhado por occasião do ultimo baile realizado na União dos Empregados do Commercio, em commemoração do seu 27.° anniversario.

ANNIVERSARIOS — Recepção na residencia do Sr. Anthero Silva, quando do anniversario de sua esposa, D. Olga Silva.

EM ACÇÃO DE GRAÇAS — Aspecto apanhado após a missa celebrada na igreja matriz de Campo Grande, em acção de graças pelo anniversario do Dr. Raul Boaventura, illustre clinico nesta capital.

UMA ARTISTA PARISIENSE NO RIO

Toda a critica franceza fixou expressivamente a figura de Gine Narcy, esta admiravel creadora de canções francezas ora entre nós, como uma das melhores revelações do theatro ligeiro e dos "music-halls" parisienses. Joven e bella, elegante e espiritual, possuidora de admiravel voz, rica de mobilidade, Gine Narcy, cuja mais recente photographia publicamos acima, está integrando o conjuncto de attracções parisienses que, presentemente, realça o esplendor de elegancia do "grill" do Casino ATLANTICO.

Cel. Mendonça Lima.

Paulo Setubal

Pedro de Toledo

Sonia Veiga

Madame Curie

Solano Carneiro da Cunha

Sorteando para o serviço militar.

Salvador de Madariaga.

● O governo da Republica resolveu negar a demissão pedida pelo coronel Mendonça Lima, do cargo de director da Central do Brasil.

● Empossou-se na Academia Brasileira de Letras o applaudido escriptor Paulo Setubal, eleito para a vaga de João Ribeiro. Saudou o autor de "A Marqueza de Santos" o academico Alcantara Machado.

● Falleceu o Dr. Pedro de Toledo, embaixador aposentado e ex-interventor em S. Paulo, chefe civil da revolução constitucionalista de 1932. Foram-lhe prestadas varias homenagens posthumas.

● A actriz brasileira Sonia Veiga, que é tambem cantora do nosso Broadcasting e estrella do cinema nacional, foi victima de um accidente que determinou seu recolhimento a uma Casa de Saude.

● Desabou a casa em que nasceu a celebre Mme. Curie, em Varsovia, á rua Freta, morrendo no desastre 15 pessôas e ficando feridas 16. O appartamento onde nasceu aquella scientista não foi destruido.

● Reuniu-se nesta capital o 1º Congresso das Caixas Economicas Federaes, sob a presidencia do sr. Solano Carneiro da Cunha.

● Verificou-se a existencia de grande quantidade de certificados falsos de quitação com o serviço militar e o governo resolveu mandar proceder a uma revisão desse serviço para que sejam demittidos os funccionarios publicos que não sejam realmente reservistas.

● Foi incumbido de uma missão especial no Brasil, pelo governo da Hespanha, o senhor Salvador de Madariága, ex-ministro e embaixador daquella Republica européa.

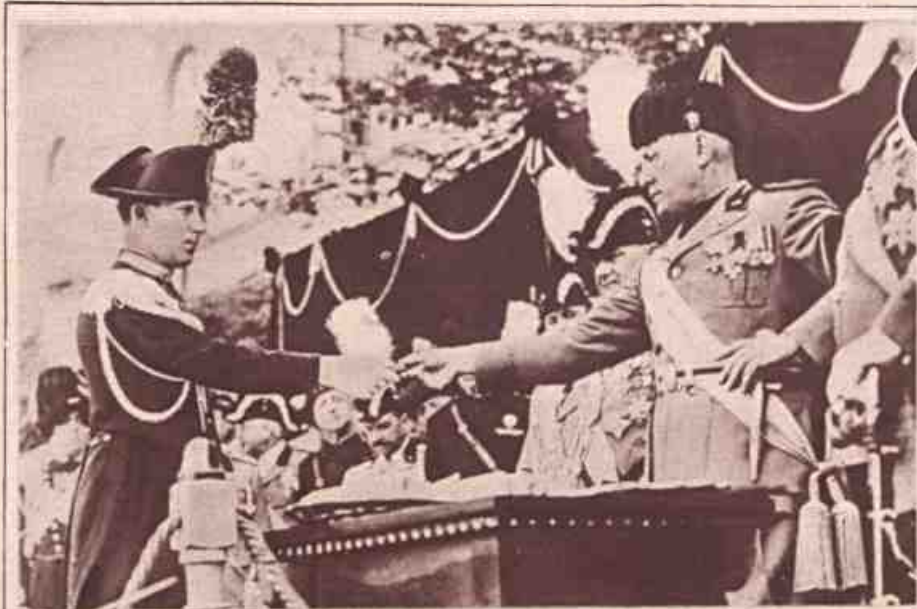
● Terrivel explosão fez vôar pelos ares uma ala da fabrica de munições de guerra, da Italia, a "Società Generale di Esplosivi e Munizione". Morreram sessenta pessôas em consequencia e as populações vizinhas foram tomadas de verdadeiro panico.

● Mãos mysteriosas retiraram de uma das praças publicas da cidade de Vassouras o busto em bronze do senhor Mauricio de Lacerda, que vem de deixar o cargo de prefeito daquelle municipio.

● Elementos hostis ás idéas fascistas perturbaram uma reunião dos adeptos inglezes desse credo politico, em Hasting, sendo precisa a intervenção da policia.

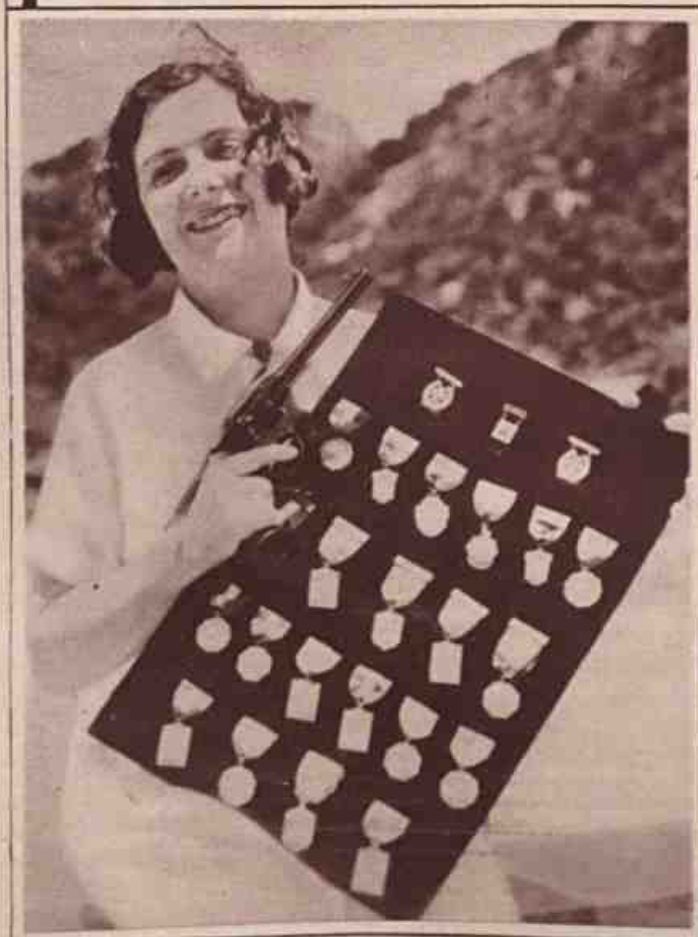
● Teve parecer favoravel, na Camara dos Deputados, na Commissão de Cultura e Educação, sendo relator o senhor Edgard Sanches, o projecto denominando "Lingua Brasileira" o idioma falado no paiz.

● O general Pantaleão Pessôa suggeriu, e o E. Maior do Exercito approvou, que todos os tiros de guerra existentes nos logares onde haja força federal, poderão receber instrucções dessas forças, podendo a elles ser incorporados como sub-unidades.

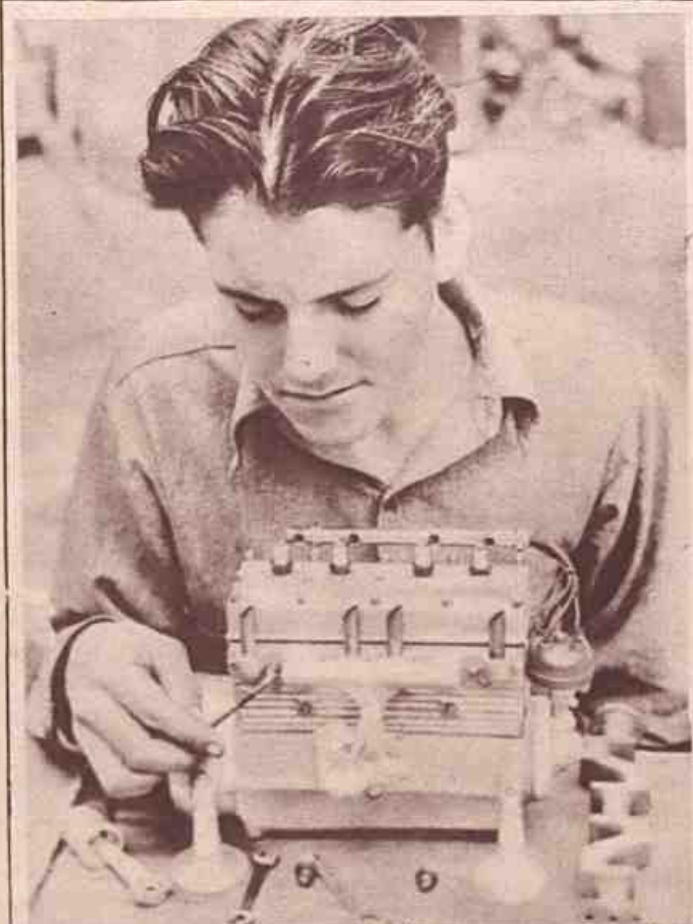
● O governo dos Estados Unidos recolheu ao Thesouro, para deposito, 100.000 *dollars* em prata, em saccos de 100 *dollars*.

O MUNDO

ENTREGA DE PREMIOS — Por motivo da celebração do 121° anniversario dos Carabineiros Reaes, o Duce premiou varios officiaes que se distinguiram durante o anno.

A ESTRELLA DOS AVIADORES — Durante a parada dos aviadores, no aerodromo militar de Moscou, os pilotos russos, voando a uma altura elevada, conseguiram formar com os aviões uma estrella de cinco bicos. E' uma proeza inedita nos annaes da Aviação.

TRES AZES DO TURF — O Agá Khan da India, um dos maiores argentarios do mundo, possue uma écurie de primeira ordem. Tres dos parelheiros têm brilhado nas pistas inglezas: "Theft", "Hairan" e "Bahram" aqui apresentados.

ATIRADORES AMERICANOS — Uma das melhores atiradoras dos Estados Unidos é esta senhorita, que se chama Bobby Artherford. Tem muitos *records* de tiro ao alvo (pistola), que se contam pelas medalhas que nos apresenta, sorrindo. Pretende participar do campeonato de tiro, nas Olympiadas de 1936, e naturalmente levantará outra victoria.

PROTESTO DE UM SENADOR — Modelo em gesso de um quarteirão de Manhattan (Nova York). Figurou na ultima Exposição de Obras Publicas. Esse systema de edificação foi criticado severamente no Senado americano pelo Sr. Robert F. Wagner, que disse que "a Tuberculose respira naquellas casas".

EM REVISTA

UM NOVO MOTOR — Lathiel Morris Jr. é um rapaz de 19 annos que promette. Ha um anno que vem construindo este apparelho, que é um motor de 40 cylindros e 4 cyclos e feito de aluminium, tendo 10 pollegadas de comprimento sobre 7 de altura. Os engenheiros que o examinaram são unanimes em confessar que o motor é um dos mais perfeitos.

CASAS MODERNAS — Encerrou-se, em San Diego (California) a "Exposição de projectos para casas modernas". O primeiro premio, uma medalha de ouro, coube ao architecto Richard Neutra, que vemos na gravura com o modelo apresentado.

ENLACE MATRIMONIAL — O guarda marinha John Casson, da Armada britannica, casou-se com a srta. Patricia Chestermaster. A ceremonia effectuou se na Cathedral de Saint Paul (Londres) perante uma assistencia de escol. O pronubo é filho da famosa actriz Sybil Thorndike.

O TERREMOTO DA INDIA — A cidade Quetta foi sacudida recentemente por um violento abalo sismico. Das 60.000 pessoas que viviam ali escaparam á morte umas vinte mil, que fugiram para os logares proximos. Receiava-se uma irrupção de cholera-morbus na cidade arruinada. A outra gravura mostra-nos as ruinas da Central do caminho de ferro de Quetta, "a cidade da Morte".

CAMONDONGUICES

Os gerentes dos cinemas da C. B. C. procuraram-nos afflictos para que não insistamos em uma injustiça que vimos commettendo. O Ribeiro que a pretexto de nova sociedade mandou cortar 90 % nas entradas de carona não foi o Luiz Severiano mas o Adhemar Leite. Não o fizera este, ha mais tempo, para não chamar sobre si a odiosidade da classe mais temerosa do Rio. (O carona fala mal de tudo e de todos mesmo não tendo razão, quanto mais quando vê postergados seus sagrados direitos...) A odiosidade, assim, recahe sobre o recemvindo. E foi o que aconteceu...

◇

Pedem-nos por sua vez os dois Ribeiros (A. L. & L. S.) que desmintamos o boato corrente de que estão boycottando "Estudantes" por ter sido seu primeiro exhibidor o velho e querido Francisco Serrador. Isso seria odioso, mesmo porque se trata de um film brasileiro e ambos são enthusiastas do cinema brasileiro...

◇

Já o outro Ribeiro (Vivaldi Leite) está fazendo jús a um pronunciamento dos *camisas*... Primeiro pagava o aluguel dos complementos brasileiros e não os exhibia. Multado, passou a exhibir os complementos cortados, dava só a cabeça e o pé e o film ficava sem pés nem cabeça... A D. F. B. estrillou. Vivaldi foi chamado á ordem e se acha agora sob as vistas da policia... O Léo, porém, foi contra a acção da D. F. B. Argumentava elle em sessão:

— Mas para que obrigar o Rex a exhibir a nossa producção? Para ninguem ver? Não vae lá viv'alma... Só vae lá vi... valdi!

O Paiva teve uma syncope.

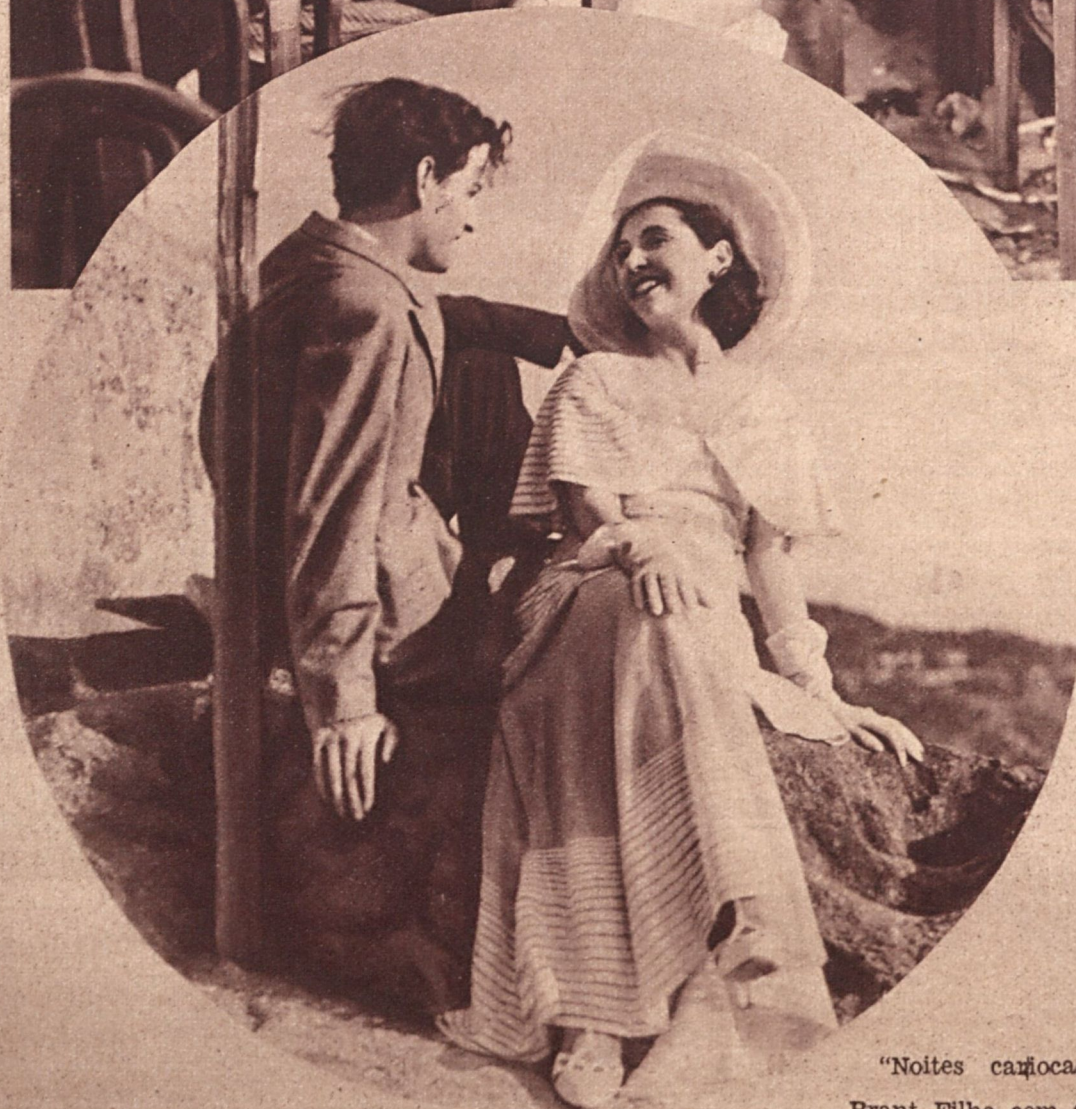
◇

Que fim levou a Metro? Que fim levou a United? Que fim levou a Fox? Já ninguem ouve falar...

E' que só se fala na Paramount...

MICKEY

DE CINEMA

Por MARIO NUNES

No alto do morro, Rosinha e Roberto (Carmen Santos e Rodolpho Mayer) amam-se com simplicidade e ternura... A scena é de "Favella dos meus amores" o proximo grande exito do cinema brasileiro com musica muito nossa, panoramas do Rio, Carnaval e sequencias comicas e sentimentaes.

Nelle figuram mais Jayme Costa, Sylvio Caldas, Belmira de Almeida, Antonia Marzulo, Norma Geraldy e outros.

A direcção é de Humberto Mauro.

A geração avó da actual leu toda ella um romance depois theatralizado que estava em harmonia absoluta com o espirito da época e fazia arfar os peitos de viva emoção. Era "O Conde de Monte-Christo" de Alexandre Dumas que ainda é lido por esses Brasis em fóra e é ás vezes representado pelos mambembes (quem sabe seria a salvação do Theatro Escola?) O cinema mudo filmou varias vezes a romantica historia. E' agora, a vez, do falado.

Este é Robert Donat o actor a quem a Reliance Pictures entregou o principal papel sendo sua *partenaire* Elissa Landi.

"Noites cariocas" producção Caio Brant Filho com Carlos Vivan, Maria Luiza Palomero, Lodia Silva e Mesquitinha vae abrir a marcha dos films brasileiros de grande metragem com acção, dialogos, musica, ambiente e typos, tudo com o unico objectivo de agradar como espectaculo cinematographico.

A scena acima dá idéa do "movimento" do film. Nelle figuram, no primeiro plano Lodia e Mesquitinha.

Conchita Montenegro, a senhora Raul Roulien apresenta-nos... ella propria d'*après* Alberto Vargas o pintor-retratista em voga em Hollywood. A encantadora estrella estará no Rio com o seu marido no dia 29 deste mez.

Empresta-se á vinda de Roulien grande importancia quanto á possibilidade de desenvolvimento do cinema brasileiro.

Fala-se na creação de uma Cinelandia em Correias, arrabalde de Petropolis (Castello de São Manoel) grande e velho sonho do velho e grande Francisco Serrador.

Ali se montaria um ou varios estudios para a producção regular de films, os primeiros estrellados por Conchita e Raul.

Não se trata de uma utopia nem de um impossivel. O cinema começa a interessar o capitalismo como fonte segura de renda, pois que o publico começa a acceitar o film brasileiro com enthusiasmo.

O capital é o obstaculo maior. Removido este nascerá em Correias a Hollywood brasileira como nasceu no fim da Avenida Rio Branco o Bairro Serrador em que ninguem acreditava.

AS CORRIDAS DE CAVALLOS NO RIO DE JANEIRO

Conde Paulo de Frontin, animador, por longos annos, do turf nacional.

Dr. Linneo de Paula Machado, continuador da obra de Frontin, figura maxima actual do hyppismo no Brasil.

NO dia dois deste mez fez cincoenta annos que o Derby Club realisou a sua primeira corrida de cavallos no Rio de Janeiro. Lembrando essa data é opportuno recordarmos a historia das corridas de cavallos no Brasil.

Dizem as chronicas, que o Rio de Janeiro antes da proclamação da Republica era uma tristeza clamorosa.

Os rapazes passavam o tempo nos bilhares e as familias, só aos domingos é que se divertiam, ouvindo musica no terraço do Passeio Publico.

Fóra disso, só as festas de igrejas, que eram muitas, proporcionavam alguma distracção á população ávida por se divertir.

Em 1849 quebrara-se essa monotonia com a fundação do Jockey Club Fluminense, feito sob a iniciativa do major Guilherme Suckow, tendo sido a primeira corrida levada a effeito a 13 de Junho de 1851, no Hipodromo Fluminense, em S. Francisco Xavier com grande successo. A segunda corrida realizou-se a 14 de Setembro do mesmo anno. Baldo de recursos o Club teve que fechar as suas portas.

A 26 de Novembro de 1865 realizou a terceira corrida de cavallos no Rio de Janeiro, no campo de S. Christovão, sob a iniciativa do Sr. Luiz Jacome de Abreu e Sousa. Depois dessa corrida foi fundado o "Club Jacome" cujo fim era promover os meios para o melhoramento da raça cavallar no Brasil. Não prosperou.

Em 1868 foi fundado o Jockey Club sob o patrocinio do Conde de Herzberger, Dr. Fernando Francisco da Costa Ferraz, Felisberto Paes Leme, major Guilherme Suckow, Dr. Henrique Lambert e Luiz Suckow.

Foi eleito presidente o Dr. Mariano Procopio Ferreira Lage e a 16 de Maio de 1869 effectuava a primeira corrida no hipodromo de S. Francisco Xavier, ganhando o cavallo "Macaco" do Coronel Francisco Telles. A 25 de Julho outra e a 8 de Setembro a terceira. A 21 de Maio de 1871 corria o primeiro puro sangue. Chamava-se Zephiro, inglez, pertencente ao Dr. José Calmon Nogueira Valle da Gama, que o adquiriu na Republica Argentina. Conta pois o Jockey Club 67 annos de existencia e póde orgulhar-se de ter sido o creador do turf no Brasil. Hoje está sob a presidencia do Dr. Linneo de Paula Machado e tornou-se uma associação conhecida em todo o mundo.

Mas, continuemos a historia do turf no Rio de Janeiro.

Em 1884, uma tarde, quando voltavam de um passeio a cavallo, da Caixa d'Agua do Andarahy o Dr. José Moreira Pacheco, seu irmão Francisco Moreira Pacheco, Pedro de Barros, Joaquim Antonio Pereira Gonçalves, Francisco Raposo e Jorge Pio lançaram a idéa da fundação de uma associação turfista no Rio de Janeiro. Dias depois a idéa se convertia em realidade. Reunidos todos no pavilhão do antigo Hotel Daury, fundaram o Club de Corridas Villa Isabel.

Dissenções entre os associados fizeram com que esse Club pouco durasse. Demittiram-se os directores, sendo eleita nova directoria sob a presidencia do Dr. Paulo de Frontin, passando o Club a ter nova denominação: — Derby Fluminense. Foi tambem de vida ephemera.

Séde do "Derby-Club", na Avenida Rio Branco, onde funccionam, agora, as directorias reunidas, após a fuzão.

Em virtude de exigencias do dono do terreno adquirido para campo das corridas, que era o Dr. Joaquim Vianna Drummond, posteriormente Barão de Drummond — os socios resolveram liquidar o Club.

Dissolvido o Derby Fluminense foi creado o Hypodromo Villa Isabel sob a presidencia do Dr. Affonso Celso Junior, hoje Conde de Affonso Celso, realizando-se a primeira corrida a 8 de Fevereiro de 1885, durando até 23 de Junho de 1890, quando foi liquidado. A liquidação do Derby Fluminense foi feita com o intuito de que essa sociedade fosse substituida por outra, que realizasse corridas em local mais conveniente.

A 6 de Março do anno seguinte, 1885, cerca de duzentos e quarenta socios do antigo Derby Fluminense, entre os quaes se achava o Dr. Paulo de Frontin, que cabeceava o movimento, fundaram o "Derby Club".

A 9 de Março do mesmo anno era eleita a primeira directoria, sendo o Dr. Paulo de Frontin o presidente.

A 30 de Março era adquirido á Viscondessa de Itamaraty por 160 contos a área do terreno necessaria e immediatamente iniciada a construcção do hipodromo.

A 2 de Agosto teve logar a primeira corrida. Foi um acontecimento na cidade.

Compareceu a familia imperial, o ministerio, representantes de varios paizes e uma multidão calculada em dez mil pessoas. A corrida constou de nove pareos com 82 inscripções.

Venceu o cavallo "Aymoré". Dessa data em diante o turf no Rio de Janeiro foi creando raizes até chegar ao ponto em que hoje se acha.

Prosperando o Derby Club alguns amadores do sport hipico fundaram em 1889 o Turf Club e o hipodromo Nacional. O primeiro installou-se a 13 de Janeiro de 1890 sob a presidencia do Dr. João de Figueiredo Rocha, fechando as portas em 1895 por difficuldades financeiras; o segundo constituiu-se a 15 de Junho de 1889, sob a presidencia do Dr. Affonso Celso Junior, realizando a primeira corrida a 12 de Outubro de 1890 num terreno da rua Haddock Lobo.

A 14 de Fevereiro foi liquidado, ficando em campo o Jockey Club e o Derby Club, que até agora subsistem.

Póde-se, pois, affirmar que quem deu impulso ás corridas de cavallo no Rio de Janeiro foi o Dr. André Gustavo Paulo de Frontin, uma das glorias da engenharia brasileira.

Não póde pois ser esquecido o seu nome na data do meio centenario da primeira corrida de cavallos realizada pelo Club que durante muitos annos foi elle Presidente e para cujo desenvolvimento tanto concorreu. Como o Jockey Club, o Derby possue tambem um palacio na Avenida Rio Branco, centro da elegancia e do bom gosto da sociedade do Rio de Janeiro.

HERMETO LIMA

Prado de corridas do antigo "Derby Club".

Portão de entrada do "Jockey Club" num domingo de corridas.

Portão de entrada do extincto "Derby Club". . .

FESTIVAL ARTISTICO-DANSANTE — Aspecto tomado por occasião do festival artistico-dansante promovido pela S. A. Moinho Inglez, nos salões da Associação dos Empregados no Commercio, no qual tomaram parte artistas do nosso broadcasting e do radio infantil.

Heloisa, a galante filhinha do casal Dr. Octavio da Veiga, fez annos no dia 26 de Julho passado. Por este motivo, a residencia dos seus paes, na Gavea, encheu-se de amiguinhas da anniversariante, resultando dahi uma festa encantadora e alegre.

Um Rapto

SENSACIONAL DESCOBERTO PELA RADIO-- ESTHESIA

O raptor tomou pela rua Descombes...

O desapparecimento da pequena Nicole, filhinha de um official do Exercito francez residente em Chaumont, deu causa a que se apresentassem á casa enlutada varios radioesthesistas, offerecendo seus prestimos para a descoberta da menina.

Um delles, cujo nome não quiz declinar, pediu que lhe dessem uma photographia da desapparecida e um mappa da região onde se dera o occorrido. O radioesthesista trazia no pulso um chronometro que marca os segundos e os decimos de segundos; na mão direita, tinha um pendulo, uma simples bola de metal pendente duma corrente, que elle mantinha bem segura na mão.

Em dado momento, o rabdomano pediu que o deixassem sosinho.

— Não devo soffrer a influencia de ninguem, — disse o homem — e a quem não quizer retirar-se supplico que não pense em nada em quanto estiver aqui, porque o seu fluido agiria sobre o meu.

E, inclinando-se sobre o mappa, o radioesthesista começa a trabalhar, acompanhando as oscillações do bastonete de marfim sobre o mappa.

— A menina foi raptada neste ponto aqui. O raptor tomou pela rua Descombes, entrou na rua Duval Barizier... Ah! que desgraça! No "Val des Chouettes" ella apparece morta!...

A varinha branca attinge o "Val des Escoliers", e o pendulo, que gyrava, balança. E' signal que a pista está perdida. Dez vezes seguida, o radioesthesista recomeça a experiencia. E' inutil. A victima e o algoz desappareceram...

E' possivel que o raptor tenha matado a menina no "Val des Escolers" e a tenha levado para o "Val des Choux"... O assassino tinha uma moto. O trajecto foi feito rapidamente...

Um jornalista, Hervé Lauwick, perguntou:

— Como é que funcciona a radioesthesia?

O descobridor de fontes explicou:

— O corpo humano é emissor e receptor. Podem seguir-se pelo pensamento as vibrações emittidas por um objecto mesmo afastado. Eu pratico o methodo do padre Mermet, de Genebra, aquelle que encontrou uma criança que havia sido raptada por uma aguia, ha tempos. A radioesthesia não é tão difficil como se imagina. 30% das pessoas são dotadas para pratical-a. E' preciso que se concentre o pensamento no objecto que se procura. Agua, metal, por exemplo. E é necessario ter na mão uma varinha de aveleira ou um pendulo. Faz-se, inicialmente, um "tour d'horizon", e recebe-se logo o choque que indica o sentido da corrente. Depois, pouco a pouco, determina-se o logar. Os descobridores de fontes que encontraram já agua a dez, vinte ou trinta metros, ficam sabendo quando a agua está a 25 metros, porque recebem uma reacção intermediaria entre a reacção de 20 e a reacção de 30. Alguns batem com o pé, uma vez por cinco metros. Ao sexto, o pendulo pára, e isso faz 30 metros...

O caso mais sensacional de descoberta pela radio esthesia occorreu em 1692. Um camponez, Jacques Aymar, com o auxilio de uma varinha de aveleira, indicou o logar onde se homiziara um criminoso. Aymar foi chamado á presença do filho do grande Condé, para fazer uma demonstração de sua arte.

Em 1853, o sabio Chevreul, commissionado pela Academia de Sciencias para dar seu parecer sobre esses phenomenos divinatorios, declarou que os movimentos da varinha e as oscillações do pendulo eram devidos a movimentos musculares inconscientes do operador.

O pendulo magigico em funcção sobre uma carta geographica.

Monsenhor Licinio Refice, autor da opera "Cecilia" e que, em pessoa, a regerá, este anno, no Municipal do Rio de Janeiro.

Este anno, os apreciadores do *bel canto* terão o privilegio de gosar um espectaculo de arte excepcional.

Na primeira temporada lyrica do Theatro Municipal, será apresentada a opera *Cecilia*, que constituiu um successo extraordinario na temporada do anno passado do Theatro Real de Opera, de Roma e no Colon, de Buenos Aires.

Em sua apresentação, pela primeira vez, ao publico do Rio de Janeiro, essa peça será regida pelo proprio autor, Monsenhor Licinio Refice, e terá no papel de protagonista a grande soprano Claudia Muzzio.

Claudia Muzzio, a grande artista bem amada do nosso publico, que faz o papel da protagonista na opera de Monsenhor Refice.

UM ESPECTACULO SENSACIONAL NA PROXIMA TEMPORADA LYRICA

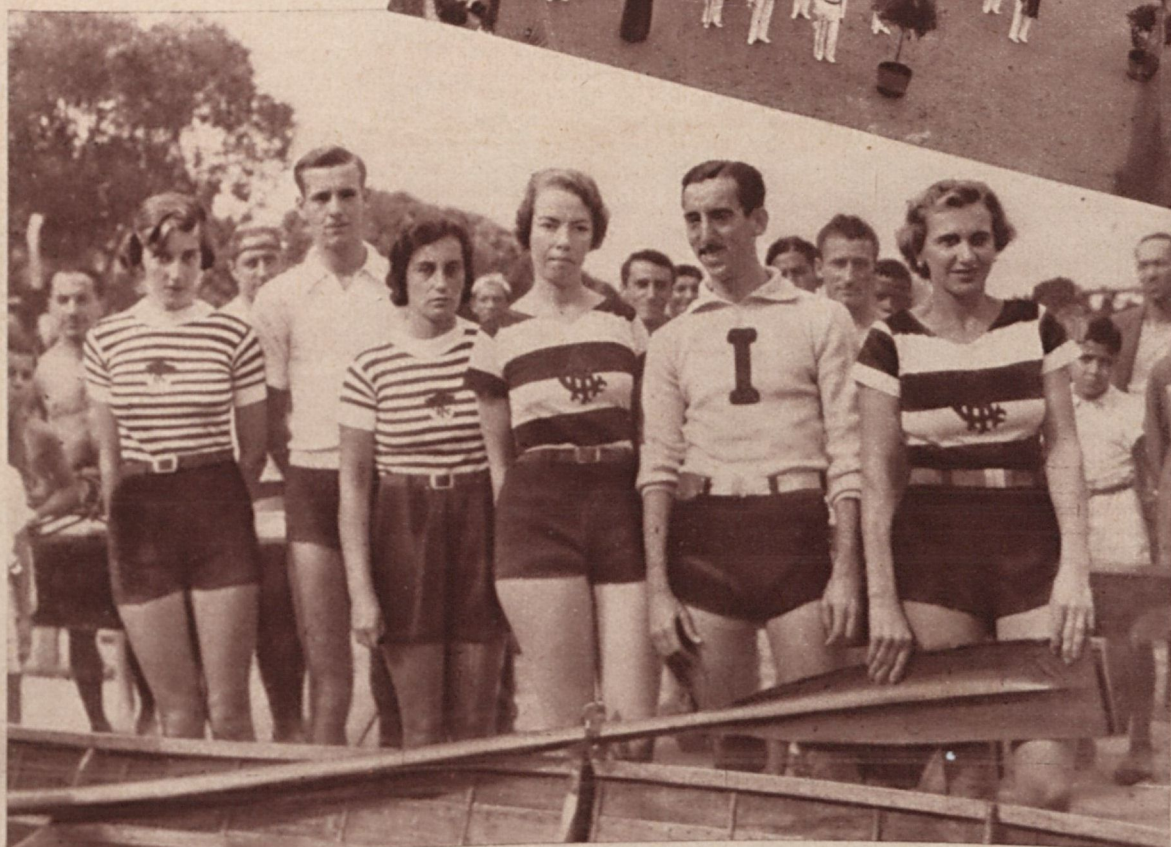
Uma scena da opera "Cecilia", que será apresentada, pela primeira vez, ao publico brasileiro na proxima temporada do Municipal.

DE NICTHEROY

HOMENAGEM A UM ANTIGO SECRETARIO DE ESTADO

Na Secretaria de Obras Publicas do Estado do Rio, quando ahi se inaugurou o retrato do Dr. Pio Borges, que dirigira esse departamento do Estado, nos governos Feliciano Sodré e Manoel Duarte. Essa e outras homenagens foram prestadas áquelle engenheiro, na data do seu natalicio.

FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO AMERICANA

No Collegio Salesiano, quando ahi se realizou a festa de confraternização americana, com a presença do Ministro das Relações Exteriores, Sr. José Carlos de Macedo Soares. Flagrante tomado por occasião do hasteamento das bandeiras do Brasil, Argentina, Bolivia e Paraguay.

A MULHER NOS SPORTS NAUTICOS

Concurrentes ao pareo a 2 remos, para moças, nas Regatas do Sport Club Fluminense, em commemoração do seu 19º anniversario, e do qual sahiu vencedora a guarnição pertencente ao Club de Regatas Icarahy.

DE TUDO UM POUCO

Chiromancia

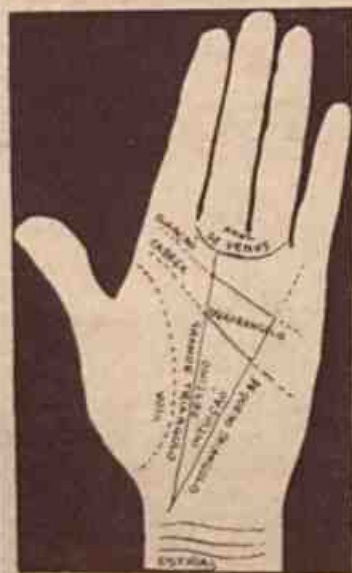
A LINHA DO CORAÇÃO

A linha do Coração fica entre a da cabeça e os Montes da raiz dos dedos, principiando no Monte do indicador e terminando sob o annular, indo, muita vez, mais abaixo um pouco.

Uma linha de Coração direita, clara, pallida, indica indifferença, falta de bondade, de sensibilidade; tortuosa, vermelha — ardor indo até a violencia, segundo os acontecimentos; funda, mas pronunciada — pertence aos crueis; longa — aos ciumentos; cortada de pequeninas linhas demonstra — infidelidade e aventuras.

As indicações não esclarecem sómente a ternura do Coração, mas tambem a força physica, doenças, penas que affectarão a sentimentalidade, dureza da vida, porquanto o Coração é o orgão vital por excellencia.

Linha do Coração confusa indica affecção cardiaca; terminando em ramagens — doença muito grave dos vasos sanguineos; em garfos — má circulação; cruzes na linha do Coração indicam — penas; se a linha do Coração se inclina para a da Cabeça é symptoma de hypocrisia; se uma e outra se juntam bem ao centro do dedo do meio — signal de morte violenta.

A LINHA DO DESTINO

A linha do Destino — tambem denominada da Fatalidade, da Fortuna, da Sorte em geral, parte das horizontaes do pulso ou da linha da Vida e sobe, atravessando a Mão, pelo planalto de Marte e as linhas do Coração e da Cabeça.

Esta linha, muito curiosa, pode variar segundo a corrente da vida e a energia individual. Divide-se, como a da Vida, por épocas. Pode-se, por exemplo, situar 30 annos na linha da Cabeça e 45 a 50 na do Coração. Ella está, muita vez, ausente, mas pode surgir de um momento para outro, em seguida á nota marcante de um acontecimento de relevo.

Quando bella, nitida, nas duas mãos — victoria completa; se no começo é pujante e depois se apaga — á medida que sobe — que a pessoa não soube aproveitar a "chance" e no futuro andará de par com a des-

graça; quando é irregular — excesso de sensibilidade nociva no curso da Vida; dobrada — promette victoria sobre qualquer obstaculo; truncada — dos instaveis, dos que fazem da vida uma coisa sem fixação; quando a linha do Destino está carregada de galhos dirigidos para cima — elevação pelo trabalho e esforço pessoal.

Segundo o começo da linha do Destino, a significação varia:

Partindo da Linha da Vida — felicidade adquirida pelo merito;

Partindo do planalto de Marte — força moral frisante;

Partindo do Monte da Lua — fortuna pelo acaso, pela loteria.

Quando a linha do Destino está cortada pelas em sentido contrario — obstaculos, infelicidade; se as linhas de travez sobem para a da Cabeça — as desventuras virão do caracter pessoal, das acções pessoaes; se attingem a do coração — soffrimentos pelo proximo.

A parada da linha do Destino é importante:

Terminando na linha da Cabeça — doença do cerebro ou um golpe de cabeça — no sentido moral — funesto; terminando na do Coração — morte pelo coração, pesar profundo ou doença de tal orgão; funesta mudança de situação de coração, perigo de suicidio; terminando bem ao centro o Destino será clemente, o futuro calmo.

(Continúa).

Miss Grace Roper, cujo casamento com o Dr. Frank Bohn, de New York, constituiu acontecimento social de grande relevo.

A resposta que ella me deu

(Cleómenes Campos)

Perguntei-lhe, a sorrir: "Onde mora a ventura?"
Ella volveu-me os olhos limpidos, aquelles
seus olhos meigos, cheios de doçura...

E vi, então, surpreso, que a ventura,
que eu vivia sonhando, estava dentro delles...

A nacionalidade das mulheres

Foi em 1927 que uma lei, na França, permittiu ás mulheres casadas com estrangeiros conservarem a sua nacionalidade.

Na mesma ordem de ideias acaba de ser publicado o texto de um importante projecto de lei, modificando o regimen da nacionalidade na Grã Bretanha.

Até 1844, a nacionalidade das mulheres na Inglaterra não se alterava por motivo de casamento; mas uma lei votada no mesmo anno concedia nacionalidade britannica ás mulheres estrangeiras casadas com inglezes.

Mais tarde, em 1870, um acto do Parlamento — pela primeira vez na historia do Reino Unido — privava da propria nacionalidade a ingleza que casasse com estrangeiro; essas disposições foram mantidas na lei de 1914 sobre o estatuto dos estrangeiros.

Desde alguns annos as mulheres reclamavam o direito perdido em 1870, de conservar a nacionalidade britannica quando casassem com estrangeiros.

O novo projecto de lei lhes concede o que pedem; mas provará tambem que uma mulher, subdita britannica de nascimento, só poderá alienar a nacionalidade por um acto formal de naturalisação.

Se o projecto for approvado, as mulheres inglezas, casadas com estrangeiros e partilhando agora a nacionalidade de seus maridos, retomarão automaticamente a nacionalidade de origem, a menos que não façam uma declaração formal no sentido contrario.

Por outro lado, uma estrangeira casando com inglez não adquire a nacionalidade deste.

Elixir de longa vida

De todas as illustre receitas destinadas a resolver este grave problema, eis certamente, uma das melhores. Vem-nos do Papa Leão XIII, que se divertiu a explicar em uma poesia em latim, destinada a personagem imaginaria, Fabricus Rufus, o methodo para se conservar são e vigoroso até o extremo da vida. E, por ter seguido essa receita, de preceitos de gosto apuradissimo, o papa chegou a ser quasi centenario.

Eil-a, para que cada um tire o proveito que quizer:

Primeira condição: aceio.

Mesa sempre bem arranjada, mas sem apparato luxuoso.

Devemos absorver os melhores vinhos, "pois elles trazem alegria á alma e afastam as preoccupações". Tal não impede de ser sobrio e de "se servir das garrafas dagua".

O pão deve ser fabricado com trigo "sem defeito".

Em materia de carne, tomar-se-á, de preferencia, as de vacca, de cordeiro, de gallinha com legumes de tempero e adubos de salmoura.

O ovo é um dos alimentos mais sãos, preparado no prato em que cozinhou ou tomado mesmo na casca.

O repolho adocicado e "os legumes tenros, colhidos ao desabrochar, não devem ser desdenhados, do mesmo modo o mel.

Comer, quando maduros, os fructos carnudos de um anno de fertilidade, principalmente as doces e vermelhas maçãs que coroam, num cesto, o esplender das mesas.

Finalmente, devemos fazer honra ao leite: "O leite nutriu-vos, crianças; velhos, elle vos restituirá as forças".

Miniatura exhibida pela "Federal Housing Administration", de S. Diogo — California — para Exposição Internacional de Architectura, recentemente inaugurada

OURO PRETO

EDGARD PARREIRAS

O "MAILLOT" IDEAL

SKETCH DE FLEXA RIBEIRO

Sala de estar.
Alguns moveis modernos

Scena unica.

(Marcella e depois Justina).

Marcella — Justina! O' Justina! Minha roupa de banho. Não sejas mole, creatura! tenho pressa.

Justina — (entrando com a roupa; um **maillot** de seda, sovina, leve como um sonho nu) Aqui está.

(Marcella toma do **maillot**, e sahe para vestil-o. Justina fica arranjando os moveis).

Marcella (invisivel) — O dr. já sahiu ha muito?

Justina — Ha meia hora.

Marcella (sempre invisivel) — Não disse se demorava?

Justina — Não Senhora...

Marcella — AH!

Justina — Mas vae demorar...

Marcella — Porque?

Justina — Ia muito perfumado... até botou aquelle cheiro que a senhora diz pra elle não usar...

Marcella (apparecendo mettida num **maillot** ideal, onde dispensa por completo a imaginação do observador) — Que sem vergonha! Eu já disse ao Jovita para não gastar do meu perfume. Meu cheiro é só para mim. Mas qual! elle só gosta do meu cheiro. Diz que é o unico que digere bem. O que elle quer é do bom e do melhor.

Justina (sorrindo, vexada) — D. Marcella, dizem que para o gosto basta o cheiro...

Marcella (fingindo-se seria) — Justina! Não gosto de intimidades! (baixo) O facto é que elle não me dará outro perfume, quando este acabar.

(Justina sahe).

Marcella (sentando-se, olhando o relogio) — Afinal, estava com pressa, e ainda é cedo para o banho de mar: **são** apenas onze e meia... (fica um momento indecisa, como preguiçosa. Toma uma revista e começa a folheal-a distrahida).

(Batem, de leve, palmas no portão, Justina vae ver, demora-se e vem annunciar, com voz de mysterio).

Justina (com intenções de cumplice na voz) — O dr. Beluno está ahi. Posso mandar entrar?

Marcella (parecendo assustada) — Não! Espera. Manda entrar. Vou vestir um roupão (sahe apressada).

(Entra o dr. Beluno elegantemente vestido).

Justina (Vivaz) — D. Marcella vem já. (olhando-o com ternura e em voz baixa) Obrigadinho.

Dr. Beluno — Diga a d. Marcella que se não incommode. A demora é pequena.

(Justina sahe).

Marcella (entrando, ligeiramente esfogueada, com um festivo roupão sobre o **maillot**) — Que surpresa! Não o sabia na terra. Desde o carnaval que fugiu...

Dr. Beluno — Foi uma fuga necessaria... os negocios em São Paulo são prementes.

Marcella — De maneira que só mesmo o carnaval tem o dom de afugentar os negocios de suas preoccupações...

Dr. Beluno (perdendo a fingida cerimonia, tomando-lhe as mãos com avidez) — Os negocios só não, tu principalmente. Tu Marcella por quem tanto soffro na separação!

Marcella (sentando-o) — Beluno fica quieto. Vamos nos sentar aqui, muito direitinhos...

Dr. Beluno (com ar de immensa resignação) — Direitinhos, depois de tres mezes de ausencia! Tu não sabes o que é ausencia, nem o que é jejum. Olha, como estou magro... de saudades... (toma a mão de Marcella, e beija-a perdidamente. Toma-a nos braos e beija-a na bocca com avidez).

Marcella (fingindo afastal-o) — Be-lu-no... Be-lu-no o que é isso! Podem ver.

Dr. Beluno (tremulo de emoção) — Já dei dez mil réis á Justina. Quem mais nos poderá ver?

Marcella (procurando sempre afastal-o) — O Jovita.

Dr. Beluno (com segurança) — O Jovita, Marcella, vae demorar. Justina disse que elle botou o perfume que eu te dei...

Marcella (fingindo afflicção) — Mas póde vir! póde vir!

Dr Beluno (mais amoroso ainda, procurando acariciar-lhe o pescoço) — O Jovita, Marcella, é camarada.

(Justina faz barulho, e entra apressada).

Justina — O dr. Jovita vem ahi. Está já no portão. Está pagando o taxi.

(Ha uma viva perturbação entre Marcella e o Dr Beluno).

Marcella (reflectindo) — Não faz mal. (para o dr. Beluno) podes ficar, elle não desconfiará: vou tirar o roupão (despe-o e fica semi-nua) Assim, o Jovita não estranhará que eu esteja com visitas...

(Cahe o panno).

O ÍDOLO TERRÍVEL

Mister Rainwater não se impressionava facilmente. Entretanto, ha tres ou guatro dias, teve uma forte impressão: pensou que o perseguiam. E essa impressão incommodava-o. Não podia ignorar que a idéa de ser perseguido é, geralmente, symptoma de alienação mental. Felizmente, Rainwater não estava soffrendo das faculdades. Gosava de completa saude e estava isento de pensamentos morbidos. Seguiam-no, e aquella perseguição pairava no ar quando elle sahia de casa.

Desde meia-noite daquelle dia, firmavam-se as suas suspeitas. Dirigia-se da Shaftesbury Avenue para Piccadilly. A caminho, esbarrava com os noctivagos, que sahiam dos theatros ou dos casinos. De repente, uma voz retiniu em seus ouvidos. Era um murmurio penetrante, e dizia: "Sou um amigo. A vingança do deus Imshamshu é terrivel. Quer voltar a seu logar."

Rainwater estugou os passos. Tropeçou com duas moças, que se achavam atraz delle, commentando, entre risadas, fitas de cinema. Um policeman, mais adeante, inspeccionava o trafego. A dois passos delle, um vendedor de jornaes e uns rapazes evidentemente embriagados. Emquanto os transeuntes se agitavam em torno, Rainwater tratou de fazer-se passar despercebido...

Mas, de quem era aquella voz que acabava de ouvir? Não era de um inglez. No lado opposto, havia um negro vestido de azul brilhante. Num omnibus, que se afastava, no momento, de Piccadilly Circus, ia um homem de cor citrina mettido em trajes orientaes. A alguns passos além, passando o Monico, estava installada uma casa de tapetes, de propriedade de um armenio. A distancia, que separava todos esses individuos, era demasiado grande, porém, para que qualquer delles pudesse segredar ao ouvido de Rainwater aquella phrase mysteriosa.

O nosso protagonista parou o começou a reflectir. Aquillo era exquisito. A voz vibrara com tal intensidade, e tão perto, que só a elle se poderia dirigir. Mas, quem lhe teria falado? As phrases penetraram-lhe no ouvido como si a bocca que as pronunciou se apoiasse nos hombros delle. E elle não vira ninguem. Rainwater conhecia, de leitura, o "truc" oriental para fazer as pessoas desapparecerem: esse brando movimento mediante o qual um gato póde passar sob os nossos olhos sem ser visto. Não ignorava, tambem, o que os levantinos pódem conseguir com a paralyzação momentanea da funcção mental. Rainwater attribuiu o desapparecimento do desconhecido a um facto desses, e elle tinha razão para crer que o estranho fosse um oriental. A mensagem eralhe dirigida, não restava duvida, e fôra um oriental o seu transmissor. Rainwater achava tambem que o caso se relacionava com a sua mania de estar sendo perseguido e que tudo isso, emfim, se ligava com aquelle idolo terrivel.

—xxx—

Imshamshu, que começara a influir sobre Rainwater antes de elle julgar-se perseguido, era desses idolos que provocam tremuras nas pessoas que os miram. Rainwater, como bom collecionador de reliquias indigenas, conhecia os usos e costumes dos povos superticiosos. Aquelle idolo, porém... Uma creatura por mais isolada que estivesse do mundo, ignorando por completo os gestos com que os homens exprimem suas emoções inconfessaveis, teria logo adivinhado o que o idolo em questão queria significar. O artista, que tivera tão medonha concepção, inspirara-se nos terrenos ignotos do ardor religioso e modelara-a em harmonia com as mais estrictas normas de arte. E por certo que havia triumphado. Rainwater nunca vira coisa semelhante, e tampouco imaginava que se pudesse identifical-a. Os Directores de museus e archeologos consultados por Rainwater, desconheciam o idolo e nada disseram sobre a sua origem. Quando Rainwater lh'a mostrou, os technicos ficaram attonitos, e aconselharam o rapaz a esconder ou a jogar fóra a imagem.

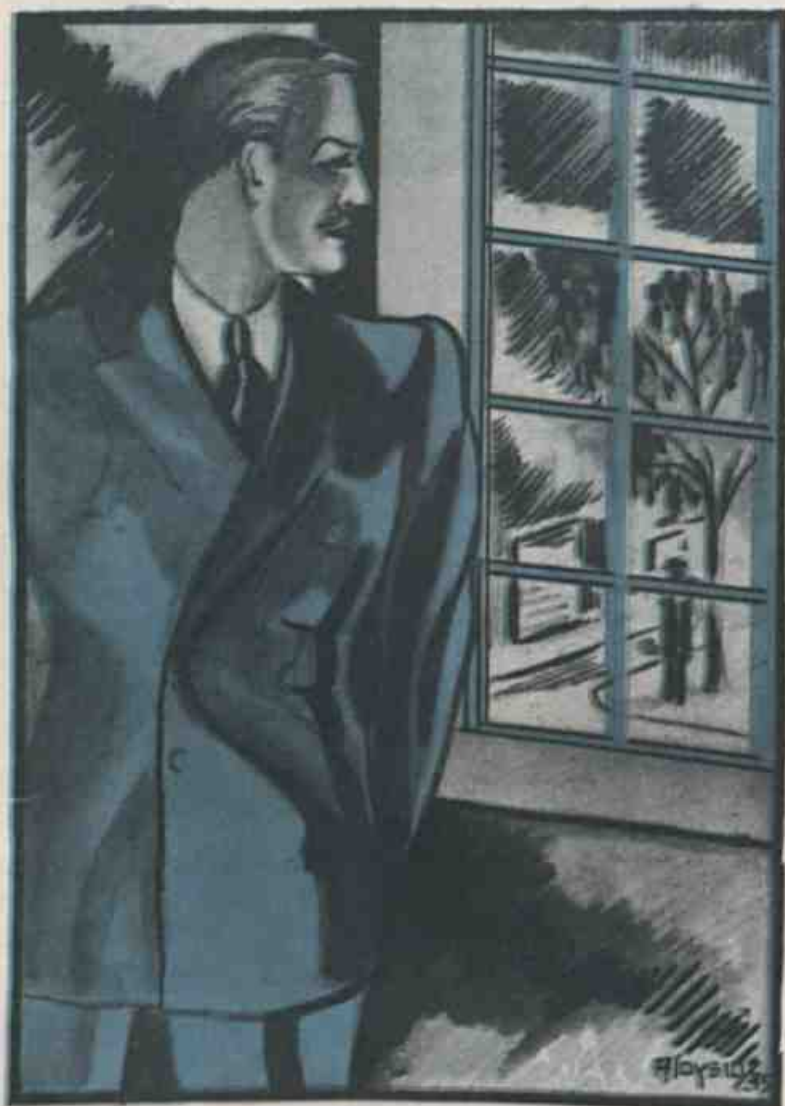
Rainwater escondeu-a no fundo de um de seus pequenos museus. Não podia dal-a a ninguem, porque seus conhecidos não n'a acceitariam. Todos os seus amigos eram casados. Em sua qualidade de collecionador, Rainwater não se animava a desfazer-se do curioso objecto.

Depois de guardar a imagem, o rapaz entrou a experimentar sensações de malestar. Rainwater quiz lançal-a fóra, queimal-a ou atiral-a á agua, mas, na occasião de executar o seu projecto, o instincto de colleccionador advertia-o. Mesmo que aquillo desprendesse emanações pestilentas, Rainwater não teria coragem para separar-se da estranha reliquia. Por isso, encerrou-a a quatro chaves, e só elle a podia ver.

Si lhe annunciavam uma visita, Rainwater escondia rapidamente, em qualquer parte, a horrenda figura. Si ouvia passos no corredor, apressava-se a escondel-a entre as paginas de um jornal. Ao rabo de uma semana, a vida do colleccionador passou a ser mysteriosa como a de um vagabundo procurado pela policia.

Data de então aquella sensação extraordinaria que o fazia julgar-se perseguido e ouvir coisas estranhas. Rainwater estava arrependido de possuir semelhante imagem. Já não sabia o que fazer. Não o perturbava tanto a ameaça, como a perseguição e a incerteza sobre a maneira como se cumpriria a ameaça. Tratar-se-ia de alguma tribu ou seita secreta estabelecida em Londres? Porque não se dirigiam directamente a elle, em vez de perseguil-o? A que vinha essa obstinação adquirida desde que levou a imagem fatidica para casa? E como poderia Rainwater depositar o idolo no logar por este reclamado, si ninguem, nem mesmo os especialistas em orientalismo, sabia a sua origem?

Sahiu á rua, e caminhava com certa inquietação. De trecho a trecho, olhava para traz, ou detinha-se ante uma vitrine onde se reflectia o que se passava atraz de si. Elle não distinguiu, comtudo, quem quer que fosse. O "phantasma" devia ser alguem perito em mystificações. Rainwater principiou a comprehender que uma perseguição é peor que um revólver apontado para a nossa cabeça. Ninguem a quem agarrar; nada contra que lutar; só uma persistente tensão de nervos prestes a romper-se. E Rainwater scismava... Si queriam rehaver o deus perdido ou roubado, que o pedissem. Dal-o-ia de bom grado. Deviam conhecer o endereço de Rainwater. Para que o ameaçarem, assim, estupidamente?

—xxx—

Ao regressar á casa, Rainwater certificou-se de que conheciam o seu endereço. A encarregada da vigilancia de suas collecções falou-lhe no **hall**, entregando-lhe uma folha de papel violeta:

— Não sei o que é isto, patrão, nem como veiu ter aqui. Encontrei-o debaixo da porta, junto com o jornal da tarde.

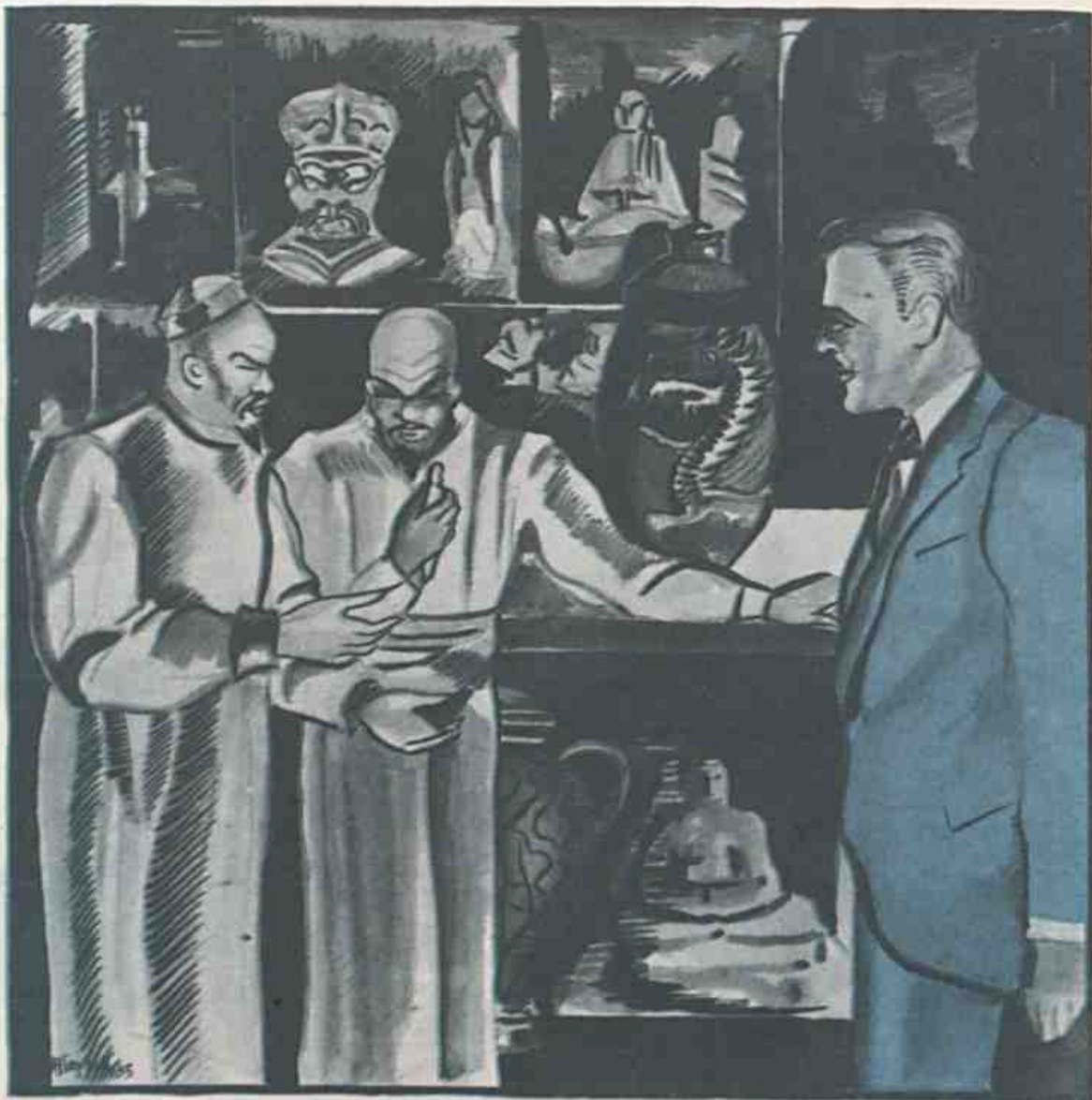
Rainwater leu cinco palavras muito mal escriptas: "Imshamshu espera. Está, pois, avisado". O colleccionador pareceu contrariado. Devolveu o papel á creada.

— Não sei do que se trata. Esperemos... — disse.

E subiu a seus aposentos, preoccupado. Uma vez lá, encaminhou-se direito ao museu onde encerrara a imagem fatidica. As curiosidades enchiam as paredes, cobriam as mesas, decoravam as vitrines. O idolo horrendo não estava em nenhuma dellas. Achava-se numa velha caixa de lacca. Rainwater abriu-a e, quando se dispunha a retirar o idolo, foi até á janella, cedendo a um impulso instinctivo, e separou a cortina...

Na casa fronteira, sob as arvores de um jardim, via-se uma silhueta immovel. Vestia um impermeavel, e a aba do chapéo cobria parte do rosto. O aspecto do individuo deu a Reinwater a impressão de que se tratava de um oriental. O colleccionador afastou-se da janella, fechou todas as caixas do museu e, sem verificar si o thesouro ainda se achava lá, deixou-se cahir numa poltrona junto á lareira.

Rainwater não era covarde nem seu systema nervoso era mui debil. Era desses homens amaveis e pacificos, que se revelam ferozes na occasião opportuna, sentindo-se impotentes deante das hostilidades intangiveis. Nenhum daquelles acontecimentos ultimos o **assustou**, é verdade, mas elle acabou ficando doente. Sentado ali, no silencio nocturno, ouviu, ou pensou ouvir, rumores insolitos na rua. Rumores surdos, desses que se ouvem quando a gente se pergunta: — "Que será?"... Uma ou duas vezes, sem saber porque, Rainwater lançou um olhar á caixa de lacca, e sentiu um allivio enorme constatando que ainda estava lá. Quiz ir á janella para saber si o estranho se fôra embora. Não poude, porém. Permaneceu numa duvida atroz. "O homem ainda estaria lá?" Nada na mysteriosa apparição denotava malquerença.

Rainwater não queria vel-a outra vez. Aquella immobilidade desesperava-o. Em dado momento, deu-lhe na veneta de tirar o idolo da caixa, abrir a janella e atirar o idolo na direcção do desconhecido vigilante. Mas si o objecto cahisse na rua, se espedaçaria, e isso poderia aggravar as coisas. Rainwater resolveu não ficar mais um minuto com o nefando fetiche...

Eram tres horas da manhã... Rainwater, após tragar o quinto copo de "whisky", que o fortaleceu bastante, teve uma idéa. Entregar a imagem a pessoas mais capacitadas para affrontar os perigos que se pudessem originar com a posse della. Elle se lembrou de devolver o idolo aos negociantes que lh'o haviam vendido. Os negociantes estavam estabelecidos perto de Waterloo. Eram dois jóvens japonezes. Tomada essa resolução, Rainwater cuidou de deitar-se, pouco se importando que a casa estivesse sendo vigiada ou que o fossem assassinar. Nada occorreu durante a noite, e, pela manhã, depois do café, o colleccionador tirou o idolo da caixa de lacca, envolveu-o cuidadosamente em papel de seda, metteu-o no bolso e dirigiu-se para os arredores de Warteloo, com a certeza de que o iam seguindo, como sempre. Mas não foi tão facil desfazer-se da reliquia, embora os japonezes parecessem dispostos a entrar em negociações.

No momento em que Rainwater lhes offereceu o idolo, lamentando-se que não podia mais ficar com elle, em virtude de elle destoar com o resto da sua collecção, os japonezes vacillaram. Responderam que o negocio não lhes interessava e que taes coisas não se vendiam facilmente. Rainwater insistiu.

— Digam quanto dão...

Os mercadores replicaram que a offerta que podiam fazer seria demasiado ridicula, e que a escassa procura de semelhantes artigos tornava impossivel offerecer um preço em harmonia com o valor artistico dos mesmos...

Rainwater, resignado, propoz:

— Vendo por qualquer preço. Os negociantes offereceram dez shillings, e sua proposta foi acceita.

—xxx—

— Que allivio! suspirou Rainwater, logo que se viu na rua. E poz-se a caminhar depressa, como si acabasse de libertar seus pés de pesados grilhões. Andou pela cidade, sem a menor preoccupação por um provavel desenlace... Recuperando o equilibrio da sua vida normal, resolveu festejar aquelle ditoso dia, gastando os dez shillings num almoço excellente.

Na mesma tarde, na loja dos arredores de Warteloo, os dois japonezes olhavam um para o outro, satisfeitos.

— Que bom negocio!... E' a oitava vez que compramos o idolo de Imshamshu...

Senhora

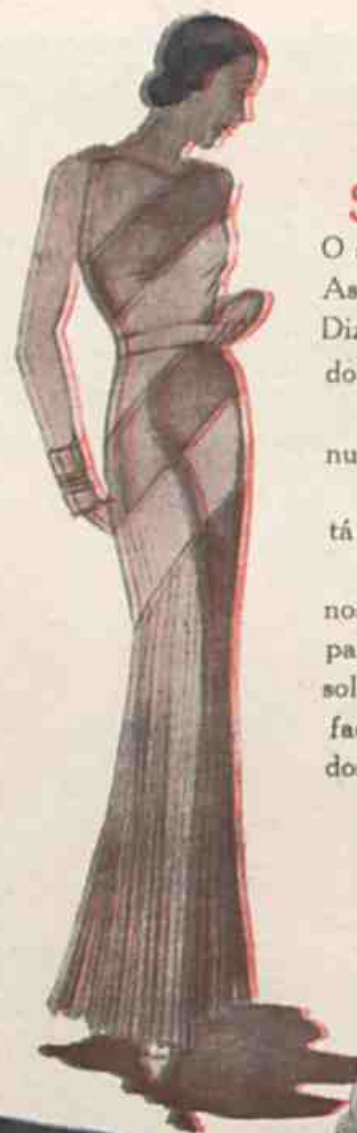
SENHORITA...

O sol. . . continua !
As praias povoam-se de banhistas
Dizem alguns que o tempo anda doido.

Outros. . . que é assim mesmo: frio num anno, calor no outro.

Ao que parece, porém, o tempo está de marcha com as coisas da epoca.

Emtanto, nós, gente de saias, não nos podemos queixar muito. Si gastámos para arrumação de roupas de frio, este sol tão claro e temperatura agradavel são factores de alegria, e ensejo para vestidos novos e **sunga** na praia.

Vestido de setim flexivel verde limão, flores de prata junto ao pescoço.

Gracioso vestido de setim rosa cravo, bandas pelo lado fôsco e pelo brilhante, deste sendo o babado "plissé".

Casaquito — boléro de "lamé" prata listrado de verde e de roxo, vestido de "marocain" branco.

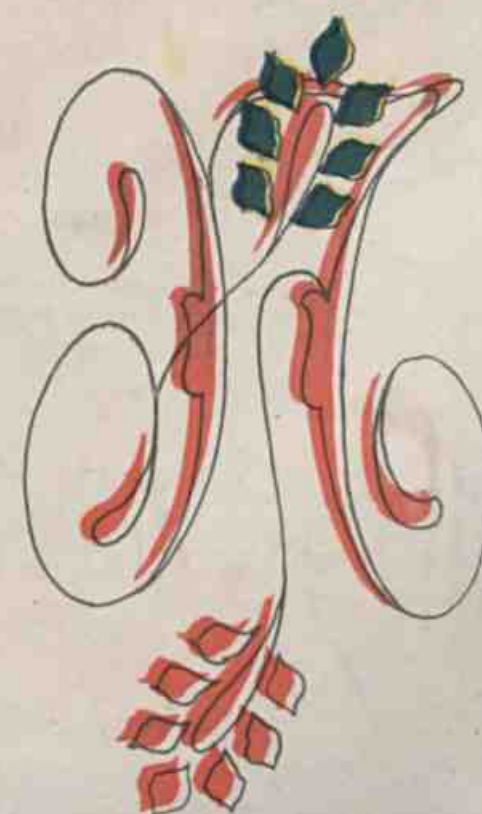
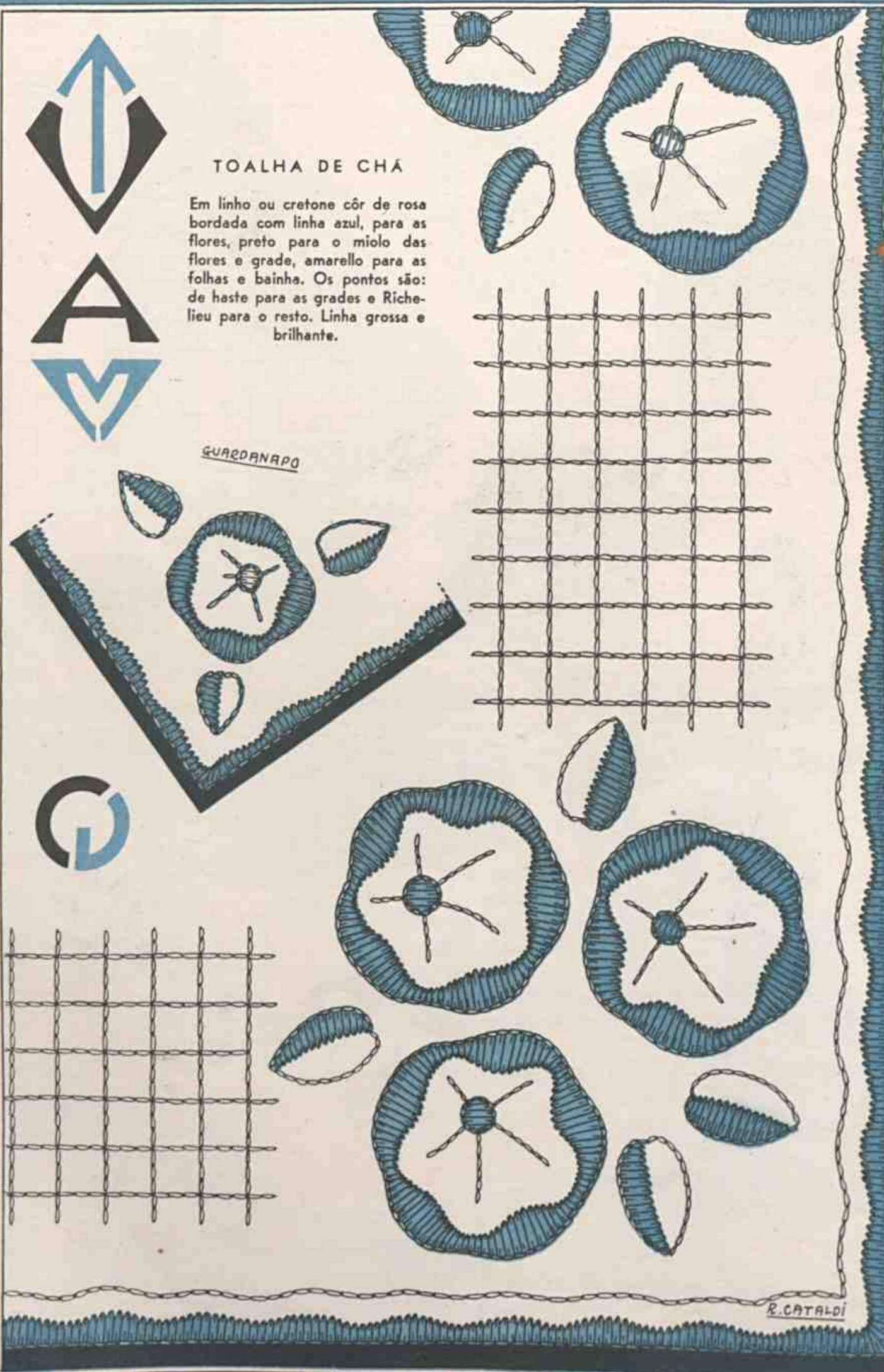
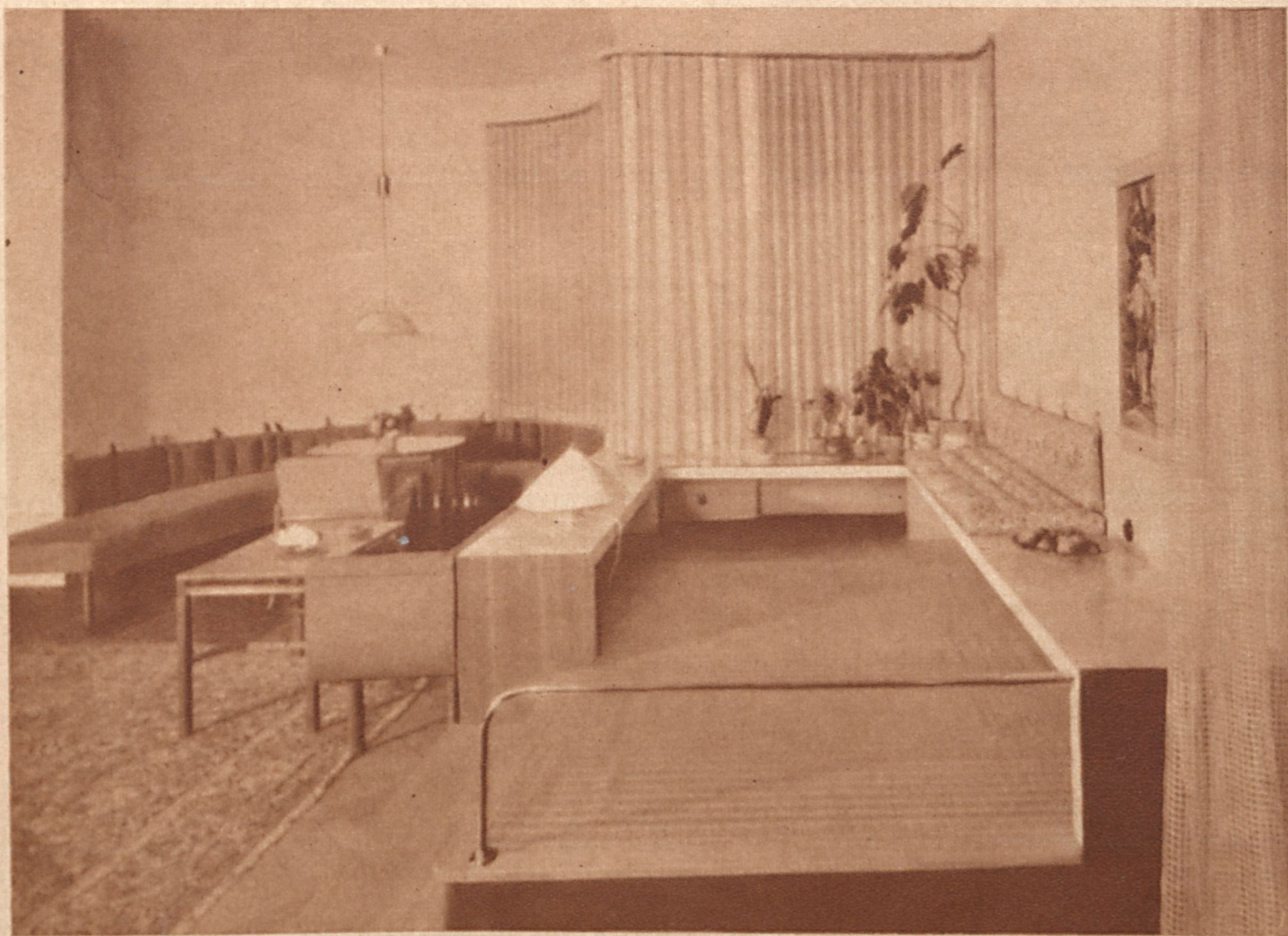
Muito elegante este vestido de "marocain" rosa abobora, talhado em tacos festonados do mesmo tecido, grande flor de velludo preto na pála da blusa.

Chapéos de palha ou de seda, graciosamente trabalhados com pospontos ou nervuras. Entre elles, o elegante "canotier" de palha.

Tambem os Casinos á beira-mar, luxuosamente montados, seduzem as elegantes que se aprimoram no trato e no traje.

São, por conseguinte, para as bonitas noites dansantes nos Casinos, os bonitos vestidos desta pagina, destinando-se os chapéos a complemento de vestidos de meia estação.

SORCIERE

Organdi branco e viezes de organdi azul francez, azul anil e vermelho lacre. Forro de "lamé" prata.

TOALHA DE CHÁ
Em linho ou cretone côr de rosa bordada com linha azul, para as flores, preto para o miolo das flores e grade, amarello para as folhas e bainha. Os pontos são: de haste para as grades e Richelieu para o resto. Linha grossa e brilhante.
GUARDANAPO
R. CATALDI

"Living room" de residencia moderna

DECORAÇÃO DA CASA

Um canto do "Studio"

Maxine Doyle

Patricia Ellis

Ann Dvorak

CHAPÉOS NOVOS

PARA CONCERTAR RAPIDAMENTE OS 30 KMS. DE CANAES

Para purificar o sangue e manter sadio o organismo, os nossos rins dispõem de cerca de 10 milhões de tubos finissimos, representando um comprimento total de 30 kms. Esses tubos são verdadeiros filtros e devem deixar passar por dia de 1.000 a 1.500 centimetros cubicos de liquido extrahido do sangue.

Quando se apresentam irregularidades da bexiga, tornando-se o liquido escasso ou demasiado frequente, queimante por excesso de acidez, é signal de que os filtros precizam de ser lavados. Esse signal de alarme póde denotar ameaça de dores lombares, sciatica, lumbago, cansaço, inchação nas mãos, nos pés ou sob os olhos, dôres rheumaticas, perturbações visuaes, tonteiras, etc.

Se os filtros não forem desobstruidos com a devida presteza, teremos suspensa sobre a cabeça a ameaça terrivel dos calculos renaes, da nefrite, dos ataques uremicos, da hidropisia, da perda de albumina, phosphato, etc.

As Pilulas de Foster desinflammam, limpam e activam aos rins, sendo ha mais de 50 annos o remedio preferido para combater as doenças renaes.

Como vestem as «estrellas» do cinema

De novo *Dorothy Dare* — Traje esporte, talhado em grosso crêpe de seda "beige" areia.

Crêpe da China — Uma demonstração da finura do branco e preto — *Dorothy Dare.*

Modelos desenhados por Orry Kelly, para as elegantes artistas da *Warner First.*

"Ensemble" de seda "gris", gravata verde com pastilhas de prata — *Patricia Ellis.*

Vestidos para Mocinhas

Da esquerda para a direita: crêpe da China vermelho vivo, guarnição de "plissés"; crêpe da China verde agua, botões vermelho lacre; crêpe vermelho claro, guarnição de crêpe branco e quadros pretos; crêpe azul anil, gola de "taffetas" rosa brando.

Um SORRISO FELIZ

A FELICIDADE
E' COMPLETA
QUANDO A
CUTIS
E' PERFEITA

LIMPA
ALVEJA E
AMACIA A PELLE

VESTIDOS MODERNOS

"Ensemble" de lã branca e quadrados azul claro; blusa setim preto.

Casaco esporte, de flanela clara, botões escuros.

Para dansar: Vestido de organdi branco, faixa de lamé" preto e vermelho.

Vestido de "marocain" branco, cinto preto, fivéla dourada.

Vestido de "tafettas" preto, para de noite.

Vestido singelo, para trabalho.

MASSAGEM DO ROSTO

DR. PIRES
(Com pratica dos hospitaes de Berlim, Paris e Vienna)

E' geralmente a massagem do rosto a mais commum das massagens, já porque seja a parte mais exposta á critica, já porque a preoccupação da esthetica está latente em quasi todos nós.

Por isso é que se deve escolher com grande cuidado o massagista, pois é uma temeridade entregar o rosto a qualquer pessoa.

Não ha razão para uma contra-indicação da massagem quando se é moço.

A massagem mantem o tonus da pelle conservando-a constantemente irrigada pelo sangue e por isso melhora-lhe a physiologia. Faz-se melhor excrecção das imperfeições que nella se encontram; mantem-se prompta a phagocytose aos germens e impede-se o relaxamento dos musculos.

E não é só: auxilia-se com movimentos da massagem a desaggregarem-se as cellulas velhas e mortas que não têm mais funcção, evidentemente. Para as pessoas que possuem cravos, espinhas, etc., produzem optimos resultados.

Os casos de cura completa avolumam-se com o passar dos tempos.

Mesmo para um profano em medicina dá a explicação acima noção exacta das probabilidades da massagem.

E' bem verdade que quando se fazem massagens deve-se continuar e simplesmente para conservar este estado de saude que ella nos traz ao rosto. Muitas pessoas pensam que se pararem o tratamento ficarão peor. No entretanto não é verdade esta asserção embora nos primeiros tempos haja uma pequena differença motivada pela falta do tratamento.

Este caso é comparavel ao de um homem que tenha exercitado seus musculos até ficarem bem desenvolvidos. Se por um dado motivo elle não continuar os exercicios não poderá regredir; elle será sempre um homem forte.

O mesmo se dá com a massagem pois que ella não é mais que a gymnastica dos musculos faciaes que como qualquer dos outros póde desenvolver-se não permittindo que a pelle se enrugue e sim que a acompanhe ao seu desenvolvimento.

Hoje em dia homens e mulheres não devem permittir a destruição do tempo pois a massagem, feita com todo o criterio, pode resolver, perfeitamente, o problema da juventude.

UMA INFORMAÇÃO GRATIS

As nossas gentis leitoras podem solicitar qualquer informação sobre hygiene, cabellos e demais questões do embellezamento, ao medico especialista e redactor desta secção, Dr. Pires.

As perguntas devem ser feitas por escripto, acompanhadas do "coupon" abaixo e dirigidas ao *Dr. Pires* — Redacção d'O MALHO — Trav. do Ouvidor, 34 — Rio.

BELLEZA E MEDICINA

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

Estado ....

Caixa d'O Malho

O. JARDIM (S. Paulo) — O sonêto póde ser publicado. Mas vae demorar. Emquanto isso, peço-lhe que corija o pequeno lapso do primeiro verso do segundo terceto (uma syllaba a mais), pois não gosto de metter o bedelho em versos alheios.

CARLOS GARCIA (?) — Quando recebi a sua carta, não podia mais dar geito nenhum: o conto estava na pagina com o titulo primitivo. Isso, entretanto carece de importancia. Estou certo de que V. ficará satisfeito com o que sahiu; boa illustração, boa collocação, destaque, etc.

BENTO PEREIRA DA COSTA (Rio) — Eu costumo acolher com alegria todas as observações razoaveis que me fazem. Mas as suas não procedem, em absoluto. Em primeiro logar, V. escolheu mal a poesia sobre que pretendeu fazer prova de sufficiencia literaria. Deveria eleger uma pagina lyrica e não versos humoristicos. Não sabe que a poesia humoristica desfruta liberdades especiaes? Pois veja: não se perdoaria um plebeismo ou uma dissonancia, num soneto parnasiano. Mas um e outro podem até augmentar a graça de um soneto comico. Em segundo logar, os erros que V. aponta não existem e servem apenas para demonstrar a sua ignorancia palmar. No verso —

"E só de má, não me disseste
nada"

não existe ennhum cacophaton. A expressão — *Só de má, não me* — é cacophonica? onde? O verso —

"*Com o cabo da vassoura em
pleno dia*"

não tem 11 syllabas, como diz V., por ignorar a mais velha, a mais conhecida convenção poetica da lingua portugueza: a de contar-se uma syllaba em *com o*, *com a*, *com um* etc. Os antigos poetas escreviam *co a*, *cum*:

"*Cum* alvoroço nobre e *cum*
desejo
(Onde o licor mistura e branca areia
Co sálgado Neptuno o doce
Tejo)
(Comões. Lusiadas. Canto 4ª estrophe 84).

Hoje, porém, escreve-se: *com o*, *com a*, etc. e conta-se uma syllaba da mesma forma. Veja: De Bilac:

................................"um hymno
De esperança presaga enchia
o ceu *com o* vento"

De Alberto de Oliveira:

"Entrar, dando *com a* porta
no batente".

De Junqueira Freire:

"Tramai, tramai, *com a* furia dos demonios"

De Vicente de Carvalho:

"Um coitado, *com a* tremula
cabeça".

Poderia dar-lhe milhares de exemplos mais, se V. tivesse a audacia de recusar estes que ahi estão, como teve de arvorar-se em censor de uma arte de que V. desconhece até as regras mais elementares. No proximo numero, responder-lhe-ei sobre o seu soneto.

GUILHERME DA CUNHA (Rio) Noto alguns *senões* grammaticaes, sem maior importancia. Enredo bem lançado. Agradavel a maneira de narrar. Não o posso aproveitar n'O MALHO porque numa revista catholica não ficaria bem um conto que é, em resumo, a apologia do adulterio.

OLAVO RIBEIRO DE ARAUJO (Rio) — Meu caro collega, não posso publicar o seu trabalho porque (supponho que o escreveu displicentemente) o estylo é pobre, e a forma bastante descuidada.

JOÃO D'ALEM (Baurú) — Os dois trechos de "diario" que me enviou apresentam valor dispar. O do cão castigado pela vida é o melhor. póde ser publicado. O outro pende mais para a banalidade.

RUBENS ORION (Itanhandú — Grato pelas referencias. Seu trabalho é literariamente fraco. Faltam-lhe estylo e originalidade.

ROSA DO PRADO (Rio) — Não ha motivo para agradecimentos. O conto não demorou porque passou correndo, das mãos do secretario para as do illustrador e, quando voltou á redacção, teve a sorte de calhar numa pagina de rotogravura. A respeito de "As Duas Irmãs", tenho a dizer-lhe o seguinte: o enredo parece-me bom, mas foi mal aproveitado, pois a narrativa é feita com displicencia. Tratando-se de uma intriga de lances dramaticos seria aconselhavel outra maneira de narrar, que não o simples desfiar de factos. Poderia refundil-o dando-lhe mais amplitude e mais vibração? Ou prefere tentar um genero mais simples?

ANTONIO MARTINS (Pelotas) Recebo muitas queixas contra o laconismo desta secção. V. é o primeiro que me censura a loquacidade. Só porque eu apontei uns pequenos defeitos nos seus versos e tive a franqueza de documentar a minha resposta... Comprehendo que a sua carta é um desabafo, apenas, e perdôo-lhe a incomprehensão, bem como as suas amargas ironias.

MELPOMENE (Rio) — Não contesto que V. Excia. possue bastante cultura artistica para julgar, com acerto, e impor o seu ponto de vista aos seleccionadores das trichromias que são: um pintor, um critico de arte e um professor de desenho. Por isso, remetti-lhes a carta que teve a bondade de enviar-me.

PIPOCA (?) — Tenho muito verso aqui. Por isso, não posso aproveitar os seus, agora. Quanto ao conto, não: está muito bom e sahirá.

DR. CABUHY PITANGA NETO

LIVROS E AUTORES

"O PROBLEMA DO MAL"

O Sr. Lydio Machado Bandeira de Mello aborda na sua obra, *O Problema do Mal*, theses tão graves como interessantes: a explicação do polytheismo, a refutação do materialismo. Mas o autor não se intimida em absoluto com a seriedade e a complicação dos problemas. Enfrenta-os, resolutamente. Revolve-os, analysa-os, decompõe-n'os sob todos os aspectos. E' um argumentador honesto e, sobretudo, claro. O seu estylo é despretencioso, simples, ameno, convidativo. Deste modo *O Problema do Mal*, em vez de sahir um livro pesadão e grave, surge-nos leve e attrahente. Ninguem perde o seu tempo, lendo este bello volume que a Empresa Graphica da *Revista dos Tribunaes*, de São Paulo, editou com esmero.

—oOo—

COLLECÇAO SIP

A Civilização Brasileira S. A. teve a idéa felicissima de editar, em volumes de pequeno formato, romances de autores mundialmente famosos como Tolstoi, Maximo Gorki, Alexandre Dumas, Victor Hugo, não falando dos romancistas nacionaes José de Alencar, J. M. de Macedo, etc.

O criterio selectivo é o do gosto popular. E assim, ao lado de obras primas da literatura mundial, como *Os Cossacos*, a mesma collecção nos deu volumes de Perez. Escrich. Georges Ohnet, Ponson du Terrail, romances policiaes e de aventuras, etc.

Para que se veja como a idéa foi feliz, basta dizer que as edições dessa collecção, a preços populares, já sobem a 29 livros, e muitas dellas já estão esgotadas.

A Collecção Economica da "Civilização Brasileira" acaba de lançar no mercado mais tres volumes, destinados a um grande exito. São: *A Patrulha da Madrugada*, de John M. Saunders; *Ben Hur*, de Lewis Wallace e *Mãe*, de Maximo Gorki.

—oOo—

"O HOMEM MIRACULOSO"

A Companhia Editora Nacional, de São Paulo, fez traduzir, pelo Sr. Luiz Vianna, a famosa novella de Frank L. Packard, *O Homem Miraculoso*.

Esse romance tem sido vertido para diversas linguas e já conta mais de uma versão cinematographica, o que demonstra, pelo menos, que o seu enredo é tecido com materiaes de primeira qualidade, possuindo todos os elementos necessarios para prender, fortemente, a attenção dos leitores.

O formato é elegante e bem cuidado e a capa bastante suggestiva.

—oOo—

"VILLA RICA"

O Sr. Alcebiades Delamare, professor e escriptor que conta uma apreciavel bagagem de livros, vem de juntar-lhe mais um volume: *Villa Rica*.

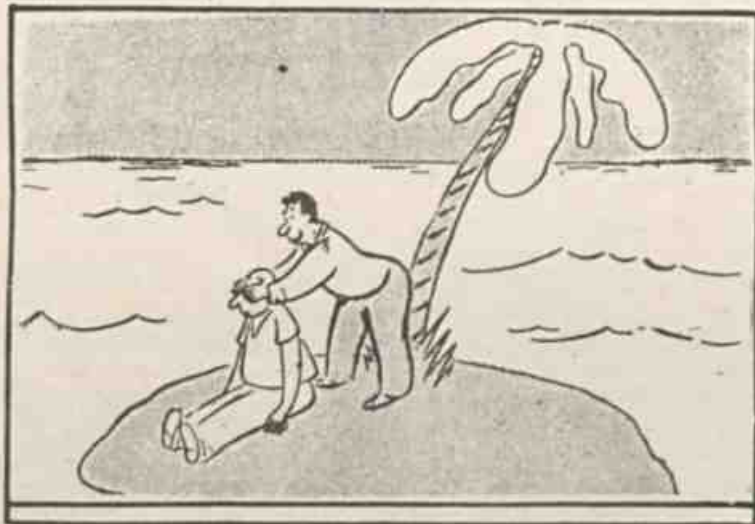
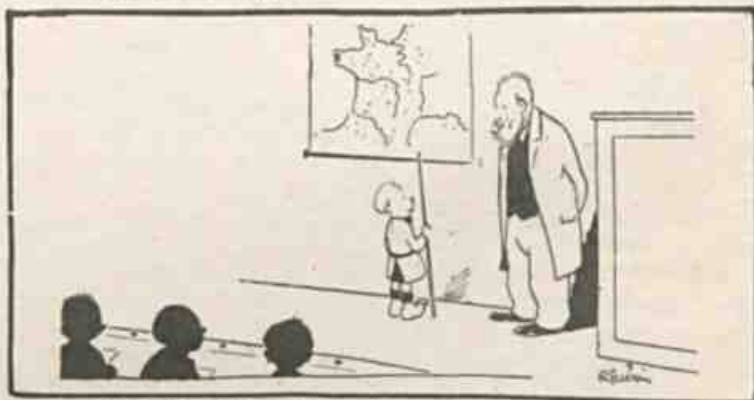
E' um estudo carinhoso sobre Ouro Preto, suas tradições, factos da sua historia, seus velhos monumentos architectonicos, seus thesouros de arte, costumes populares, cousas do seu passado e do seu presente.

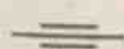
O autor tratou esses assumptos com uma ternura verdadeiramente filial, na convicção de que em Villa Rica está concentrado um dos periodos mais interessantes da Historia de Minas e do Brasil. O valor da obra está, principalmente, nesse vigoroso sentimento que transparece de cada pagina desse livro. Mas está tambem na erudição do autor, na optima bibliographia de que se soccorre. O volume é illustrado com boas photographias.

HUMORISMO ALHEIO

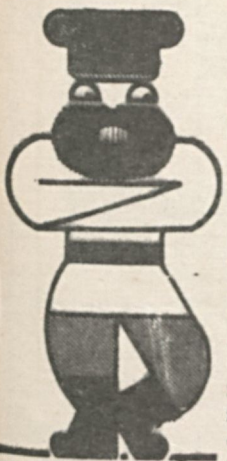
No barbeiro:
— Si o Sr. faz tanta reclame deste regenerador dos cabellos, por que não faz uso delle?
— Porque eu devo representar o modêlo "antes do uso".
(*Desenho de Zander*)

No restaurant:
— Quem foi que disse que o bife estava duro?
(Do *Ric et Rac*)

O cantor — Nenhum barytono me passá a perna. Em Londres, cantando, certa vez, fiz cahir as vidraças.
O amigo — Acredito. Agora, fez-me cahir o queixo.
(*Desenho de Elefante*)

Os naufragos se divertem
— Adivinhe quem é!...
(Do *Life*)

Lição de geographia
PROFESSOR — Onde está Laval?
ALUMNO — Elle estava em Roma.
(*Desenho de Guerin*)

"Perdão, Sr. — meu engano. Acabo de me tornar noivo".
(Do *Life*)

"Miguel Strogoff" representado por bonecos

OUTRO dia, o jornalista Charles Pretavoyne foi surprehendido, ao penetrar em casa com um convite singular:

"Convidamos V. Exa. e Exma. Familia para assistir ao casamento de Nadia Fédor e de Miguel Strogoff, tenente da Guarda Imperial, que terá logar em presença de S. A. o granduque Alexis da Russia, no... Theatro do Luxemburgo, pela companhia Guignolia, de Paris"

O plumitivo não se fez de rogado, e dirigiu-se para aquella sala de espectaculos. E elle não perdeu nada em lá ir, porque se divertiu bastante.

O drama *Um soldado*.... de Jules Verne foi adaptado á scena por Robert Désarthis, que apresentou vinte quadros sumptuosos e quatro bailados magnificos. Os actores de pau sahiram-se bem da empreitada: *Master Blount*, o digno reporter inglez de costelletas; o grande chefe dos Tartaros, Feofar Klan, na evocação do Gengis implacavel; Miguel Strogoff, que fez lembrar Ivan Mosjoukine, o "astro" do cinema; emfim Marta, a velha mãe, que commoveu fortemente.

Viu-se um cavallo marchando sobre a neve; os ursos que Strogoff abateu, para salvar Nadia, e o burrico montado no qual o reporter inglez fez sua entrada triumphal na cidade. Detalhes interessantissimos foram dados pelo barco que descia o Volga, emquanto, de uma das bordas do rio, subiam as canções lamurientas dos bateleiros...

Uma das scenas que mais agradaram foi aquella representando um posto militar na fronteira, num fundo de festa feirense azul, laranja e rosa, com seus carrousseis gyrando ao longe..

Os bailados, que reproduziram ás maravilhas as deusas populares russas, sahiram da imaginação florida de Wlady, scenographo de renome nos meios artisticos da cidade-luz.

Os noivos...

O theatrinho...

CONTEMPLADOS NO TORNEIO DO 42.º PROBLEMA DE PALAVRAS CRUZADAS

CAPITAL

Heleno — Rua S. Francisco Xavier, 388 — Maracanã.
Luzia Ramos Siqueira — Praça Alm. Julio de Noronho, 4 — Leme.
Iva Ribeiro — Rua Bento Lisbôa, 25.

S. PAULO

Albino — Rua Rio Bonito, 74 C. — Capital.
João Buongermino — Rua João Jessôa, 307 — Santos.

MINAS

Flora de Britto — Muriahé.

CORRESPONDENCIA

Marly Santos — Dino Tati — Fronaco e Luiz Nunes — Recebemos os trabalhos e vamos fazer o necessario exame para ver se podem ser publicados. Em caso affirmativo, com muito prazer, e de qualquer modo agradecemos.

Uriass B. da Silva — Caixa Postal, 54 — Guaranesia.

PERNAMBUCO

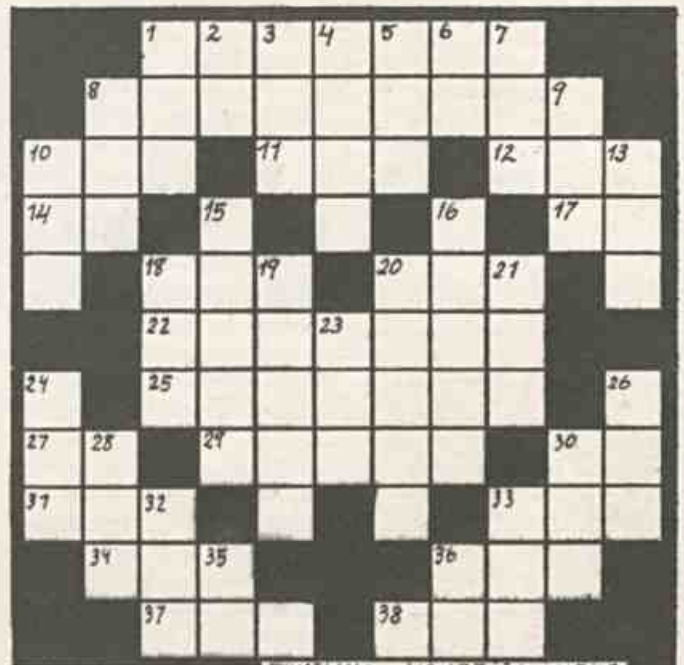
Alice Maia — Rua Jacobina, 37 — Capunga, Recife.
Miss Mary — Rua 48, n.º 197 — Espinheiro.

BAHIA

Delha — Capistrano de Abreu, 3 — Capital.

■	M	A	R	I	A	N	A	■
P	E	R	U	■	G	O	S	O
A	L	■	M	I	O	■	A	R
R	■	S	O	N	S	O	■	A
■	L	E	R	■	T	R	A	■
C	■	M	E	S	I	A	■	D
I	M	■	J	I	N	■	A	I
D	E	A	O	■	H	O	R	A
■	H	O	R	B	O	S	O	■

Solução exacta do 42º problema de Palavras Cruzadas.

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAES

1 — Planta medicinal de Java.
8 — Ornato.
10 — Cabo de Africa.
11 — Ilha grega.
12 — Suffixo.
14 — Carta.
17 — Libra de 12 onças.
18 — Altar.
20 — Possue.
22 — Ilha da Hespanha.
25 — Pequeno eixo.
27 — Ilha da França.
29 — Rio mineiro (invertido).
30 — Teixo (invertido).
31 — Affluente do Rheno.
33 — Ilha da França.
34 — Lingua falada, na edade média pelos habitantes do Loire.
36 — Repartimento.
37 — Contracção.
38 — Filho de Jacob.

VERTICAES

1 — Bebiba.
2 — Do Cajú.
3 — Porto da Ilha do Fogo.
4 — Lula (invertida).
5 — Trez do rio da Russia.
6 — Consoantes.
7 — Creado.
8 — Beijo de cortezia.
9 — Rei de Judá.
10 — Embarcação.
13 — Suffixo.
15 — Cordilheira do Japão.
16 — Peça do Piano.
18 — Estalajadeira.
19 — Arbusto do Japão sem as ultimas.
20 — Jogo.
21 — Poder.
23 — Metade da mancha.
24 — Um dos Cantões da Suissa.
28 — Aro.
30 — Economista Suisso.
32 — Mulher de Jacob.
33 — Juiz de Israel.
36 — Meia Bala.

São condições para concorrer aos nossos torneios semanaes:

Enviar as soluções á nossa Redacção, á Travessa do Ouvidor, 34, cada uma separadamente em uma folha de papel; *collar, ao lado, o coupon numerado correspondente*, que apparece na pagina, abaixo do problema ou da carta enigmatica; escrever, sempre á machina ou a tinta, legivelmente, o nome e o endereço do concurrente.

Os premios são enviados pelo Correio, pela Gerencia. Para o problema de hoje, 10 premios serão distribuidos, por sorteio. As soluções deverão chegar ás nossas mãos até o dia 7 de Setembro e a solução exacta será publicada no O MALHO do dia 19 do mesmo mez.

PALAVRAS CRUZADAS

Coupon n.º 45

Nome ou pseudonymo .. ..
.. ..
Residencia .. ..
.. ..
.. ..

UM homem, que foi pedir conselho a um advogado sobre a maneira de evitar os seus credores, foi aconselhado por este a pôr todos os seus haveres em nome de sua mulher.

Mais tarde, o advogado apresentou a conta dos serviços prestados, e obteve a seguinte resposta:

"Meu caro senhor, segui o seu conselho e puz todos os meus bens em nome de minha mulher, de modo que, agora, não tenho dinheiro algum para lhe pagar os seus serviços".

ILLUSTRAÇÃO
BRASILEIRA
A venda em todo o Brasil
o 3.º Numero de
ILLUSTRAÇÃO
BRASILEIRA,
o mensario que melhor
espelha a nossa vida
artistica, cultural,
economica e scientifica.
Preço do exemplar 3$000
ASSIGNATURAS:
Annual . . . . 35$000
Semestral . . . . 18$000
(Sob registro)
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa do Ouvidor, 34
CAIXA POSTAL 880-RIO